



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**VENDE-SE SEXO: UM RETRATO DA PROSTITUIÇÃO NA
TELEVISÃO BRASILEIRA**

THAÍS BATISTA DE OLIVEIRA

Rio de Janeiro

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**VENDE-SE SEXO: UM RETRATO DA PROSTITUIÇÃO NA
TELEVISÃO BRASILEIRA**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para a obtenção do diploma de
Comunicação Social/Jornalismo.

THAÍS BATISTA DE OLIVEIRA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cristiane Henriques Costa

Rio de Janeiro

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

OLIVEIRA, Thaís Batista de.

Vende-se sexo: um retrato da prostituição na televisão brasileira. Rio de Janeiro, 2018.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Orientadora: Cristiane Henriques Costa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Vende-se sexo: um retrato da prostituição na televisão brasileira**, elaborada por Thaís Batista de Oliveira.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia//

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Cristiane Henriques Costa

Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Profa. Chalini Torquato Gonçalves de Barros

Doutora em Comunicação e Cultura Contemporânea – UFBA

Departamento de Comunicação – UFRJ

Profa. Tatiane Cruz Leal Costa

Mestre em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Rio de Janeiro

2018

AGRADECIMENTOS

À Deus, por tudo. Ele foi a minha força em todo estes anos e me manteve firme. Nos momentos felizes e difíceis, eu sabia a quem agradecer e recorrer.

À minha mãe. Se não fosse por ela e por tudo que abriu mão, hoje eu não estaria produzindo este trabalho de conclusão de curso acadêmico na UFRJ. Obrigada, mãe.

À minha irmã, Thainá, que viveu junto comigo os intensos anos universitários – estávamos juntas, no mesmo barco, como estivemos em todos estes anos.

Ao meu marido. Rodrigo, você ficou do meu lado desde o meu primeiro dia na faculdade até a fase mais difícil: a construção da monografia. Nunca terei palavras para agradecer por sua paciência.

Ao meu pai, a quem devo minha inserção num ensino de qualidade nos primeiros anos de escola, onde tudo começou. Sei que foi difícil conseguir. Te admiro, pai.

À minha querida orientadora Cristiane Costa. Professora, seu conhecimento, prazer em ensinar, objetividade, disponibilidade e carinho fizeram toda a diferença. Sem você este trabalho e o mergulho neste tema não seria possível. Muito obrigada!

À minha família que vibrou e torceu por mim desde o dia em que souberam que estudaria na UFRJ. Obrigada por se emocionarem e viverem essa história comigo. Amo vocês!

Aos meus amigos Carla, Laisa, Edinelson e Marcio. Se eu resisti por quatro anos, foi porque eu tinha o ombro e a parceria de vocês. Juntos, formamos um belo time. Fizemos tanto uns pelos outros... São, verdadeiramente, presentes da ECO.

Aos meus professores da Escola de Comunicação que me ensinaram tanto. Vou sair da ECO diferente da forma que entrei graças a tudo o que aprendi. Alguns conhecimentos que obtive no primeiro período da faculdade, nas disciplinas Teoria de Comunicação I e História da Comunicação, me ajudaram a elaborar este trabalho.

OLIVEIRA, Thaís Batista. **Vende-se sexo: um retrato da prostituição na televisão brasileira**. Orientadora: Cristiane Costa. Rio de Janeiro, 2018. Monografia (Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, UFRJ.

RESUMO

A prostituição é um tabu e não uma profissão como outra qualquer. As prostitutas vendem os seus corpos ou vendem o seu serviço? Este trabalho investiga a prostituição como profissão diretamente relacionada às questões de gênero. O propósito é questionar se a prostituição é uma forma de liberdade de escolha ou de aprisionamento e submissão das mulheres. Por meio da análise de telenovelas e séries exibidas no Brasil, em especial *Paraíso Tropical* (2007) e *Verdades Secretas* (2015), produzidas pela Rede Globo, o estudo pretende refletir sobre o retrato da prostituição na televisão.

Palavras-chave: Prostituição, Sexo, Prostituta, Televisão, Telenovelas, Séries.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. Mulher e prostituição.....	13
2.1. A mulher na sociedade colonial e a prostituição.....	13
2.2. Corpo feminino, desejo masculino.....	22
2.3. Prostituição da mulher e feminismo.....	23
2.4. Empoderamento feminino ou violência contra a mulher?.....	28
3. Cenário da prostituição no Brasil.....	30
3.1. História da Vila Mimosa.....	34
3.1.1. Zona do Manguê.....	34
3.1.2. Vila Mimosa I.....	36
3.1.3. Vila Mimosa II.....	38
3.2. A Vila.....	39
3.3. As polacas e as prostitutas da Vila Mimosa.....	41
4. Prostituição nas telenovelas.....	46
4.1. Televisão: meio de comunicação de massa.....	46
4.2. Retratos da prostituição em telenovelas e séries brasileiras.....	51
4.2.1. Prostitutas emblemáticas da TV.....	53
4.2.2. Casas de prostituição.....	54
4.3. Verdades Secretas: Angel.....	56
4.4. Paraíso Tropical: Bebel.....	60
5. Considerações finais.....	66
6. Referências bibliográficas.....	68

1 – Introdução

“Bela, recatada e do lar”. A manchete da Revista Veja¹, que estampou a figura impecável de Marcela Temer, até então vice-primeira-dama, para todo o Brasil foi bem direta ao informar o que tradicionalmente se esperava de uma mulher.

Bela, porque sempre foi muito comum elogiar as mulheres se referindo aos seus atributos físicos. Desde crianças, as meninas são chamadas de “lindas”, “bonecas”, “princesas”. Já os meninos são elogiados pelos adultos com: “Olha como ele é inteligente!”, “Esse é corajoso”, “Vejam como ele é esperto!”. As mulheres crescem e logo se deparam com um discurso naturalizado de que precisam se preocupar com beleza e aparência. Qual a consequência? Uma delas é contribuir com o lucro das indústrias de cosméticos e da moda.

Recatada, já que a sexualidade feminina é um tabu. As mulheres são admiradas quando são discretas e discriminadas quando fogem a esse padrão. Roupas justas e vestidos curtos e sensuais são coisas de piranha ou periguete. A sociedade ainda divide as mulheres entre “pra casar” e “pra divertir”. O que define quem é quem?

Para completar, ser “do lar” ainda é encarado por alguns como o grande propósito do gênero feminino em uma sociedade pautada no machismo nada velado. As mulheres não devem ser totalmente voltadas ao exercício de uma profissão, para a dedicação a uma atividade esportiva, a desbravar o mundo, como sempre foi esperado de homens. Espera-se que as mulheres se casem e tenham filhos. Qualquer projeto diferente deste ainda pode causar estranhamento.

A reação ao título “Bela, recatada e do lar” foi negativa e uma série de discussões sobre os papéis da mulher tomaram conta das redes sociais a partir dela. A *hashtag* #Belarecatadaedolar provocou ainda uma série de “memes” e relatos que ironizavam a reportagem da Veja.

O título mostrou, mais uma vez, que valores tradicionais ainda encontram espaço na mídia, mesmo que hoje o público feminino nem sempre se identifique com o ideal de mulher submissa, obediente e dedicada às tarefas domésticas.

Mas um dos fantasmas que assustam as mulheres livres e independentes é serem comparadas com prostitutas. A partir desta ansiedade em relação à prostituição feminina, este trabalho busca refletir sobre uma questão central: afinal, a prostituição é uma escolha ou uma imposição?

¹ VEJA. Bela, recatada e “do lar”. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em: 5 jun. 2018.

É chamada de a profissão mais antiga do mundo, mas porque ela surgiu e, principalmente, porque continua existindo? As mulheres escolhem ser prostitutas? Prostituição é sinônimo de liberdade sobre o próprio corpo ou escravidão e violência? Esta pesquisa não tem como pretensão dar uma resposta definitiva ao assunto, mas fazer uma breve abordagem da figura da prostituta em telenovelas e séries brasileiras. A imagem *glamourizada* terá como ponto de comparação a realidade da Vila Mimosa, um dos principais centros de prostituição do Rio de Janeiro, ponto focal do baixo meretrício carioca.

No capítulo dois, serão discutidas as noções de liberdade, cultura e papéis atribuídos às mulheres no Brasil Colônia (1500-1822) e que ainda são difundidas na sociedade. Nesta época, a mulher deveria ser submissa ao marido. Os homens, por sua vez, poderiam controlar a vida das suas esposas e estabelecer limites. Até mesmo a relação das mulheres com seus próprios corpos era delicada. No que diz respeito ao sexo, elas eram vistas como prestadores de serviços aos seus esposos e deveriam satisfazer aos desejos deles, sem pensar nos seus. Precisavam se contentar em deixá-los felizes e gerar filhos.

Em 1847, foi criada a primeira Escola Normal Feminina no Brasil, que viabilizou o estudo das mulheres para se tornarem professoras. Esse foi apenas um primeiro passo, que ainda contava com restrições para o comportamento das mulheres. Elas não poderiam abandonar seus lares e tarefas domésticas para assumir uma profissão.

O exercício do magistério e a escolarização eram duas entre as principais formas de independência das mulheres no século XIX. No final deste século, transformações na indústria também contribuíram para o avanço das mulheres, já que surgiram novas profissões e elas encontraram oportunidades de se desenvolverem profissionalmente. Mas essa evolução seguiu a passos lentos.

A sociedade ainda hoje carrega marcas da cultura patriarcal. No passado, o ideal de mulher era alguém sem instruções e disposto a atender às necessidades sexuais masculinas. Os corpos das mulheres eram vistos como objetos. Muitas não tinham acesso a informações sobre sexo e se casavam sem certeza do que as esperava. Mas as mulheres não são todas iguais. Vigorava a distinção entre mulheres brancas e negras, as últimas sendo responsáveis pelo prazer masculino fora de casa. As escravas eram responsáveis, entre outras coisas, pela iniciação sexual de meninos.

A existência de mulheres ligadas à prostituição era um paradoxo na sociedade. Ao mesmo tempo em que eram vistas como impuras, elas eram consideradas um “mal necessário” para a

manutenção da pureza das virgens de boa família. Além disso, muitas dependiam da prostituição para se sustentar.

A prostituição ainda levanta discussões em diferentes esferas. No campo profissional, foi reconhecida como ocupação pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) no início dos anos 2000. Apesar disto, a prostituição ainda não é regulamentada. O Projeto de Lei 98/2003² buscava fazê-lo, mas foi arquivado na Câmara.

O reconhecimento como ocupação profissional foi um primeiro passo, mas ainda é necessário ampliar a discussão da prostituição e pôr em pauta as questões que a envolvem, como a violência, o abuso de poder, a saúde e as condições de trabalho. Além da dificuldade no exercício da profissão, as prostitutas ainda lidam com os estigmas que sua atividade carrega. Por isso, movimentos se organizaram para lutar pelo respeito e garantia dos direitos destas mulheres. Existem diversos tipos de prostitutas e, por trás da profissão, estão mulheres de diferentes perfis, histórias de vida e necessidades.

Este trabalho traz ainda as percepções do movimento feminista sobre a prostituição. O feminismo é heterogêneo. Logo, as opiniões sobre a prostituição são diversas – algumas positivas, algumas negativas.

No capítulo três, serão levantados alguns dados sobre a prostituição no Brasil. De acordo com pesquisa realizada em 2000 pela Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC)³, cerca de 1,5 milhão de pessoas se prostituem no país. Este trabalho expõe ainda uma diferenciação entre tipos de prostitutas. Basicamente, existem o alto e o baixo meretrício.

De um lado, estão as garotas de programa, mulheres que precisam ter boa aparência e atendem executivos, chegando a cobrar milhares de reais por programa. No outro extremo está o baixo meretrício, onde se concentram mulheres de classes inferiores e que cobram valores baixíssimos. Isto viabiliza o acesso de todos os tipos de homens, mesmo aqueles de baixo poder aquisitivo.

Enquanto na prostituição de luxo parece haver escolha por trás da decisão de uma garota ao se prostituir, já que muitas vivem uma vida que talvez nunca levariam no ciclo normal de suas trajetórias, no baixo meretrício a história é diferente. A decadência e o baixo nível de certos bordéis

² Projeto de Lei citado pela autora Marlene Teixeira Rodrigues. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer? Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/1796/179613969009/>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

³ Estatísticas. Disponível em: <<https://ongmarias.wordpress.com/estatisticas/>>. Acesso em: 7 maio 2018.

e centros de prostituição levam a perceber que estas mulheres sofrem em condições precárias de trabalho.

Um importante exemplo deste tipo de prostituição é a Vila Mimosa, zona de baixo meretrício carioca, que hoje é composta por mais de 70 casas⁴, cada uma com até 10 quartos. No primeiro momento, era um conjunto de ruas e casas próximo às estações de trem da Central do Brasil e da Leopoldina e ao porto. A movimentação já era grande e desde meados do século XX passou a despertar a atenção da população e dos governantes, que começaram a pensar em formas de impedir que a impureza da prostituição proliferasse.

O nome “Vila Mimosa” surge a partir da primeira mudança de endereço da zona. Em 1979, ela passa a funcionar num trecho entre a Cidade Nova e o Estácio. Mas esta não seria a localização final da Vila. Movimentos feministas e o I Encontro Nacional de Prostitutas liderado por Gabriela Leite, ativista dos direitos das profissionais do sexo, lutavam para que a zona não fosse desapropriada mais uma vez. Não adiantou. Em 1996 a Vila Mimosa passou a funcionar onde está hoje: na Rua Sotero dos Reis, na Praça da Bandeira.

No último capítulo, a realidade dá lugar à ilusão. O estudo se foca no papel das prostitutas em telenovelas e séries produzidas no Brasil. Ao longo dos anos, elas passaram a trazer em seus enredos temas discutidos na sociedade, como o adultério, o divórcio, a homossexualidade, o alcoolismo e as drogas, por exemplo. A prostituição desde os anos 70 está presente na televisão brasileira. Este trabalho se propõe a trazer um breve levantamento de prostitutas que tiveram destaque em novelas e séries e vai selecionar duas personagens em específico para ancorar as discussões apresentadas.

A primeira delas é Angel, protagonista da série “Verdades Secretas”, exibida em 2015 pela Rede Globo, no horário das 11h da noite. A personagem era uma adolescente do interior que sempre sonhou em ser modelo. Junto de sua mãe, muda-se para a capital de São Paulo e é descoberta por uma agência de modelos, que a contrata para fazer desfiles e catálogos. Não demora muito até que a garota descubra que o local trabalha com o “book rosa”, ficha de modelos que fazem programas de luxo para ganhar dinheiro extra.

Angel concorda em ser inserida no “book rosa” e passa a trabalhar como prostituta de luxo. Ela ganha dinheiro suficiente para ajudar a sua família necessitada e comprar roupas em grifes caríssimas. Seu principal cliente é Alex, um rico empresário que se apaixona por ela, se casa com a

⁴ Informação extraída de reportagem realizada pela Rede TV! Disponível em: <<http://www.redetv.uol.com.br/jornalismo/documentoverdade/videos/ultimos-programas/mulheres-da-vila-mimosa-rj-revelam-praticas-sexuais-pouco-convencionais>>. Acesso em: 1 maio 2018.

sua mãe para ficar mais próximo da adolescente e mãe e filha passam a viver uma vida de muito conforto e *glamour*. Essa ascensão só foi possível porque Angel despertou o interesse do milionário.

Bebel, a prostituta do calçadão de Copacabana em “Paraíso Tropical” (Rede Globo, 2007), tem um perfil bem diferente de Angel. Ela é ousada, sensual, provocadora e veste roupas justas. Depois de tanto trabalhar no baixo meretrício, não vê a hora de migrar para o universo *glamouroso*⁵ de garotas para executivos. Bebel arma um plano contra seu cafetão e, enfim, tem acesso a Olavo, um empresário que a contrata por algumas noites e se apaixona por ela. O sentimento é recíproco. Eles fazem um acordo, Bebel passa a ser prostituta fixa de Olavo e sua vida ganha luxo.

Há algo em comum nas histórias de Angel e Bebel. Embora prostitutas, seguem o mito da Cinderela: as duas ascendem socialmente e passam a viver uma vida de luxo a partir de um romance. Livram-se de uma realidade difícil após o relacionamento com Alex e Olavo, respectivamente. E passam a usufruir de uma vida de riqueza. São as Cinderelas do sexo.

⁵ Este trabalho adotou a grafia segundo o Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa.

2 – Mulher e prostituição

Na sociedade colonial, ser mulher estava associado à submissão e limitação. As mulheres eram ensinadas a serem boas mães, boas esposas e a realizar atividades domésticas como cozinhar e costurar. Levaram mais tempo que os homens para conquistarem direitos básicos como o de estudar e trabalhar. Este capítulo faz uma passagem por esta história e traz o foco para a prostituição feminina e sua relação com questões de gênero. Qual é a história das prostitutas? O que o movimento feminista diz sobre a prostituição? Afinal, é uma escolha ou uma imposição?

2.1 – A mulher na sociedade colonial e a prostituição

Há gerações, a liberdade que as mulheres têm em relação a seus próprios corpos é discutida pela sociedade. Segundo o dicionário Michaelis⁶, liberdade é o “nível de total e legítima autonomia que representa o ideal maior de um cidadão, de um povo ou de um país”, a “faculdade que tem o indivíduo de decidir pelo que mais lhe convém” ou ainda a “autonomia para expressar-se conforme sua vontade”. Mas a liberdade feminina, seguramente, vem sendo encarada de diferentes formas ao longo do tempo e de acordo com a cultura social.

Na sociedade patriarcal do Brasil Colônia (1500-1822), a figura feminina era sinônimo de submissão e respeito ao marido, além de ter como principais responsabilidades – e, muitas vezes, únicas possíveis – as tarefas domésticas. Em seu artigo “Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade”, Georges Boris e Mirella Cesídio afirmam que “o homem tinha o direito de controlar a vida da mulher como se ela fosse sua propriedade, determinando os papéis a serem desempenhados por ela, com rígidas diferenças em relação ao gênero masculino” (BORIS & CESÍDIO, 2007, p. 456).

Além de levarem séculos até a conquista de direitos básicos, a relação que as mulheres da sociedade colonial tinham com seus próprios corpos e com a sexualidade era delicada. Elas eram vistas como meras prestadoras de serviços sexuais aos seus maridos, com vias à reprodução, e precisavam estar sempre dispostas a conceder seus desejos carnavais. O sexo, para o homem, significava prazer. Para a mulher, a oportunidade de satisfazer às vontades de seus maridos e procriação. Não havia a ideia de que a mulher também precisava e deveria ter momentos de prazer sexual.

⁶ MICHAELIS. Liberdade. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/liberdade/>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

Esta mulher, que vinha sendo ensinada a obedecer e não questionar, era liderada por homens em diversas esferas, à ela tudo era proibido. Era submetida a constrangimentos e traições por parte de seu marido, que se via no direito de viver “aventuras sexuais” com criadas e escravas. A ele não era cobrado respeito à sua mulher.

A família patriarcal era o centro da sociedade, pois desempenhava funções de regulação da procriação, de administração econômica do lar e de direção política da cidade em que vivia, sendo tudo regido pelo homem. As crianças e as mulheres não passavam de seres insignificantes, sem poder expressar suas próprias opiniões e seus desejos, pois apenas deviam obediência ao patriarca. (BORIS & CESÍDIO, 2007, p. 457)

Boa parte delas era analfabeta. A história da escolarização da mulher passa por dificuldades e discriminações. A primeira escola de alfabetização foi erguida em 1549, com o objetivo de formar a elite branca. As mulheres não foram contempladas, segundo Maria Inês Sucupira Stamatto (2002) em seu artigo “Um olhar na história: a mulher na escola (Brasil: 1549 - 1910)”. A sociedade as preparava para serem cuidadoras do lar, dedicadas à vida religiosa, boas esposas e mães, quando não escravas. Estas atividades não demandavam alfabetização e estudo.

Em 15 de outubro de 1827, era fundada no Brasil a Lei Geral, decreto imperial relativo ao Ensino Elementar no país. Outorgado por Dom Pedro I, este veio a tornar-se um marco na educação no Brasil. O documento, contudo, não punha fim à discriminação da mulher no processo de escolarização.

Esta foi a primeira legislação específica sobre o ensino primário e previa diferenciação no ensino de meninos e meninas. Enquanto os primeiros deveriam aprender as matérias consideradas mais racionais como a leitura, a escrita, as quatro operações de cálculo e a geometria, as mulheres seriam ensinadas a praticar atividades do lar e as prendas domésticas, como a costura e o bordado. A elas ainda era proibido o ensino da geometria.

Anos mais tarde, em 1838, ainda no Brasil Império (1822-1889), a escritora e educadora Nísia Floresta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, fundou a primeira escola brasileira para meninas no Rio Grande do Sul e, posteriormente, no Rio de Janeiro. A escola contemplava o estudo das ciências e línguas para meninas. Nísia Floresta é considerada a primeira feminista do Brasil, precursora do movimento no país.

Até 1847, as escolas dedicadas à formação de professores existentes no país eram exclusivamente destinadas a homens. Neste mesmo ano, foi criada a primeira Escola Normal Feminina. A partir daí as mulheres passaram a lidar com novos obstáculos para conquistarem espaço no mercado de trabalho.

As primeiras escolas normais, criadas ainda no século XIX, sofreram grande discriminação e reação por parte daqueles que se opunham à profissionalização da mulher, pois, para eles, as mulheres podiam somente cuidar da casa e da família, não podendo ter acesso à educação, o que dificultou a conquista da socialização e da escolarização da mulher. (BORIS & CESÍDIO, 2007, p. 458)

A escolarização e o exercício do magistério eram umas das principais formas de independência das mulheres da época. No final do século XIX, as mulheres avançaram e deram seus primeiros passos rumo à independência social. Mas o investimento e o interesse na profissionalização destas mulheres seguiam em passos lentos, quando não era ausente. No entanto, a primeira mulher a frequentar o curso de Medicina no Brasil foi Ambrosina de Magalhães, que ingressou em 1881 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

A autora Karly Alvarenga no artigo “Formação e desenvolvimento profissional da professora de matemática: algumas reflexões”, afirma que o Estatuto da Instrução Pública, nos artigos 22 a 25, exigia o celibato para que as mulheres pudessem exercer a função de professoras do ensino público. O documento indicava ainda que as professoras deveriam ser solteiras ou viúvas. Caso viessem a casar-se, seriam excluídas de seus cargos imediatamente (ALVARENGA, 2017). Esta era a realidade no início do século XX. Nesta lógica, as mulheres não poderiam deixar suas casas e atividades domésticas para assumir funções por vontade própria. Elas estavam sempre submetidas à autoridade dos homens.

Uma das transformações que significaram mudanças positivas na relação da mulher com o mercado de trabalho foi a adoção de um novo modelo de produção, ainda no fim do século XIX. O modelo doméstico passou a ser substituído pelo modelo fabril. Agora, o trabalho passa a ser realizado em fábricas, e não em casas. Desta forma, novas profissões surgem, o patriarca perde a dominação absoluta e as mulheres encontram oportunidade de desenvolver uma profissão.

Por gerações, as mulheres tiveram – e ainda vêm tendo – seus desejos, oportunidades e futuro ameaçados pela sociedade patriarcal e pelos homens, que tomavam as decisões no passado. Aos poucos, passam a ser identificadas mudanças neste cenário. Mas toda a trajetória da mulher caminha de acordo com a cultura.

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas "culturas". Contribuem para assegurar que toda ação social é "cultural", que

todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação. (HALL, 1997, p. 16)

Hall ainda afirma que “toda prática social tem uma dimensão cultural” (1997, p. 33). O antropólogo Marshall Sahlins, afirma que “é assim que se faz hoje a história cultural, em um intercâmbio dialético do global com o local” (1997, p. 133). O autor traz para a discussão o conceito de cultura de acordo com Terence Turner:

Para Turner, a cultura é precisamente “o sistema de formas significativas de ação social”, portanto, “ela deve ser entendida, essencialmente, como o meio pelo qual um povo define e produz a si mesmo enquanto entidade social em relação à sua situação histórica em transformação” (Turner 1987:6). Turner também argumentou por muito tempo a favor da capacidade de ação [*agency*] histórica dos povos indígenas em face do sistema mundial capitalista, opondo-se à visão que os desumaniza e ignora suas lutas, ao toma-los como meros pacientes e objetos da dominação ocidental. (TURNER apud SAHLINS, 1997, p. 122)

Os pesquisadores Boris e Cesídio afirmam que “a cultura se refere aos modos de vida de qualquer sociedade, cujos costumes de conduta, comportamentos e formas de pensar são compartilhados e transmitidos pelas pessoas que a compõem e passados de uma geração a outra” (BORIS & CESÍDIO, 2007, p. 455).

A sociedade ainda hoje carrega grandes marcas da cultura do patriarcado. O ideal de mulher era a moça sem instruções e que satisfizesse aos desejos sexuais masculinos, ainda que também sem conhecimento algum sobre. “Quando as mulheres se casavam, seguiam para a lua-de-mel sem informações sobre sexo ou mesmo sobre o que ocorreria. O sexo ocorria às escuras, sendo o corpo feminino coberto por um lençol que permitia apenas a visão dos órgãos sexuais” (RIBEIRO apud FOLLADOR, 2009, p. 9).

As mulheres da sociedade patriarcal carregavam ainda estereótipos relacionados aos seus corpos físicos e a sexualidade. As esposas, ou seja, as mulheres brancas, deveriam ter seu universo restrito ao lar e às atividades domésticas. Já as escravas negras eram as responsáveis pelo prazer sexual masculino.

Havia diferenciação no modo como mulheres brancas e negras eram vistas no período colonial. Segundo a pesquisadora Kellen Follador em seu artigo “A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental”, “as escravas, negras, alforriadas e mestiças já eram mal vistas na sociedade, consideradas sem honra” (FOLLADOR, 2009, p. 10). As mulheres brancas pobres, porém, também passaram a ter dificuldade de serem consideradas honradas, já que precisavam

trabalhar fora de seus lares. Ainda segundo a autora, as mulheres ligadas à prostituição eram consideradas sem honra alguma.

No geral, a existência dessas mulheres ligadas à prostituição era aceita na sociedade pelas famílias ricas e pela Igreja, já que ambos segmentos viam-nas como uma forma de proteger a sexualidade das virgens de boa família. Cabia ainda a essas mulheres a iniciação sexual dos varões das famílias abastadas. A prostituição era, em muitos casos, a única forma de algumas mulheres pobres e marginalizadas sobreviverem e sustentarem a família. (FOLLADOR, 2009, p. 10)

Visões patriarcais ainda hoje são difundidas na sociedade e as consequências do atraso na inserção de mulheres no mercado de trabalho ainda podem ser percebidas. Por exemplo, ainda existem famílias em que o homem é o provedor do lar, assim como profissões que majoritariamente são exercidas por homens. Mulheres continuam sendo desvalorizadas no mercado de trabalho, onde recebem salários inferiores aos masculinos, em muitos casos ocupando o mesmo cargo.

De acordo com pesquisa realizada pelo IBGE em 2016⁷, tendo como base a população branca de 25 anos de idade ou mais, com ensino superior completo, 23,5% são mulheres e 20,7% são homens. Ironicamente, a mesma pesquisa mostrou que 60,9% dos cargos gerenciais são ocupados por homens, enquanto 39,1% são ocupados por mulheres. Ou seja, mesmo que mais qualificadas, as mulheres ainda não são maioria em posições que exigem tomadas de decisão.

Para completar, em relação ao rendimento habitual médio mensal considerando todos os trabalhos e razão de rendimentos, as mulheres ganham, em média, 75% do salário dos homens. A pesquisa mostra que enquanto eles recebem um valor médio mensal de R\$ 1.764, elas são remuneradas em R\$ 2.306⁸.

O acesso das mulheres ao mercado de trabalho ainda é difícil. Elas precisam se reafirmar como profissionais o tempo inteiro, ainda que tenham experiência, formação e qualificação. Em meio às tantas formas de trabalho para qual as mulheres se direcionam, uma delas é a prostituição, profissão milenar que ainda hoje é alvo de repulsa pela sociedade.

As discussões acerca da prostituição dizem respeito a diferentes esferas: a da saúde, a social, da violência, da regularização como profissão, entre muitas outras. Na esfera profissional, o reconhecimento da prostituição como trabalho e a elaboração de políticas públicas voltadas às

⁷ IBGE. Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2018.

⁸ Agência Brasil. IBGE: mulheres ganham menos que homens mesmo sendo maioria com ensino superior. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-03/ibge-mulheres-ganham-menos-que-homens-mesmo-sendo-maioria-com-ensino-superior>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

prostitutas passa por fases. A partir de meados da década de 1970, passam a emergir os termos “trabalhadoras do sexo” ou “profissionais do sexo” para se referir à elas.

Segundo Marlene Teixeira Rodrigues, em seu artigo “A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer?” após o I Encontro Nacional de Prostitutas, na cidade do Rio de Janeiro, em 1987, se inicia uma estratégia para a garantia do reconhecimento da profissão. Com o Encontro, surge também a Rede Brasileira de Prostitutas, criada a partir da luta da prostituta e ativista feminista Gabriela Leite (TEIXEIRA RODRIGUES, 2009).

Com sede no Rio de Janeiro, foi o pontapé para uma série de mobilizações relacionadas à prostituição. A partir dela, associações regionais foram formadas em todo o Brasil, com os objetivos de legalização, pôr fim à violência sexual, a implementação de programas de saúde, entre outras lutas em prol dos direitos das prostitutas. Diversas ONGs se envolveram com o movimento.

Ainda de acordo com Marlene Teixeira Rodrigues, com o surgimento da epidemia de HIV/Aids e sua proliferação na década de 1980, as prostitutas voltam a ser o centro das atenções dos profissionais de saúde na época. A doença era associada a “grupos de risco”, sendo as prostitutas um destes.

Esses movimentos, principalmente a partir da década de 1990, lograram trazer outros setores da sociedade para a discussão de propostas relacionadas ao campo da prostituição e influenciar na adoção de iniciativas importantes na perspectiva do reconhecimento de direitos e da identidade das pessoas envolvidas. (TEIXEIRA RODRIGUES, 2009, p. 70)

No início dos anos 2000, inicia-se no país o movimento para a inclusão da prostituição como atividade na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), coordenada pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e envolvendo diversos setores sociais. A atividade foi incluída na CBO e inscrita sob o código 5198-05, com o título “profissionais do sexo”⁹. Na Classificação, a profissão tem a seguinte descrição sumária: “Buscam programas sexuais; atendem e acompanham clientes; participam em ações educativas no campo da sexualidade. As atividades são exercidas seguindo normas e procedimentos que minimizam a vulnerabilidades da profissão.”.

A inscrição compreende ainda os títulos alternativos “Garota de programa”, “Garoto de programa”, “Meretriz”, “Messalina”, “Michê”, “Mulher da vida”, “Prostituta” e “Trabalhador do sexo”.

⁹ Classificação Brasileira de Ocupações. Disponível em: <<http://www.mteco.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

Esta inserção não resolveu o problema trabalhista das mulheres que se prostituem e tampouco eliminou os estigmas que elas carregam. Ao contrário, as reflexões acerca do exercício da profissão são amplas e exigem soluções igualmente amplas visando a segurança das mulheres e o abandono do preconceito em relação à prática do sexo como forma de trabalho. Ainda que a inclusão da categoria não configure solução, foi um passo importante no reconhecimento do papel social da prostituta e do seu trabalho no Brasil. No entanto, esta visão não é unanimidade no movimento feminista.

A pesquisadora Adriana Piscitelli, no artigo “Feminismos e Prostituição no Brasil: Uma Leitura a Partir da Antropologia Feminista”, afirma que, a partir de meados dos anos 70, os debates sobre a prostituição, que antes eram relacionados às ideias de moralidade, pecado e lascívia, passaram a ser pautados por temas voltados à violência contra a mulher.

A prostituição passa a tornar-se símbolo dessa violência e as prostitutas, ainda são consideradas escravas que devem ser libertadas. O abolicionismo contemporâneo mais radical considera a prostituição como violência sexista, que foram parte de um continuum que se inicia na publicidade, inclui espetáculos, o mercado matrimonial, a pornografia e culmina na prostituição. (PISCITELLI, 2012, p. 21)

É necessária, ainda, uma profunda discussão acerca da saúde e das condições de trabalho destas mulheres. Para Guimarães e Merchán-Hamann, é preciso reivindicar pelo direito do exercício da profissão em condições dignas, “com a garantia de direitos e o cumprimento de deveres” (GUIMARÃES & MERCHÁN-HAMANN, 2005, p. 528). É bem verdade que a mobilização pelos direitos das prostitutas vem tomando proporções significativas à medida em que elas se organizam politicamente. Os autores levantam ainda um questionamento de extrema relevância.

Há conhecimento suficiente sobre os dilemas que atingem o cotidiano dessas mulheres para que se possam identificar os limites que separam a prostituição das práticas que são percebidas como indissociáveis a ela, como é o caso de tráfico de mulheres e a exploração sexual de crianças e adolescentes? (GUIMARÃES & MERCHÁN-HAMANN, 2005, p. 529).

A profissão do sexo é uma das mais estigmatizadas na sociedade ainda hoje. Apesar de pouco se conhecer sobre o que vivem estas mulheres no dia a dia, bem como suas condições de trabalho, motivações, aspirações, necessidades e status, a sociedade ainda precisa desenvolver o respeito à profissão e observá-la desprendida de tabus, preconceitos e estigmas.

É como se nela estivesse incorporada uma anomalia no sistema de gênero: a mulher que possui uma maneira peculiar de exercer a sua sexualidade, ou seja, o faz de forma pública é desprovida de laços afetivos e, pelo fato de experimentar o sabor da transgressão sexual, não é merecedora da vivência conjugal, familiar e,

sobretudo, da maternidade. (SERAFIM et al. *apud* GUIMARÃES & MERCHÁN-HAMANN, 2005, p. 529).

Conforme apontado, a prostituta desde sempre sofre preconceito e chega a ser vista como uma mulher sem honra, que não nutre as mesmas aspirações de uma mulher comum. Esta, porém, não é a realidade. Não se pode afirmar que as prostitutas, em sua totalidade, vivem exclusivamente em prol de sua profissão e nada mais *são* além de profissionais do sexo. Existem diversos perfis de mulheres envolvidas com a prática da prostituição. Existem mães, estudantes, mulheres que vivem relacionamentos conjugais, entre muitos outros perfis.

São mulheres que usam seus próprios corpos como instrumento de trabalho, de forma direta, mas, sobretudo, são mulheres cheias de complexidades e singularidades, que não podem ser resumidas unicamente a “prostitutas”. Sendo assim, para uma abordagem mais profunda acerca da prostituição, deve-se relacioná-la às discussões de gênero. Cabe, aqui, portanto, uma reflexão sobre as questões especificamente relacionadas à esta mulher e à figura feminina como um todo, que vem sofrendo repressões e carregando estigmas há gerações, em diferentes esferas da vida em sociedade.

A proposta deste trabalho não é tecer justificativas para que o senso comum naturalize a prostituição, mas abordar as problemáticas relacionadas a esta forma de trabalho também sob a perspectiva de gênero. Apesar de não ser possível reduzir as diferentes mulheres que se prostituem no Brasil a um único perfil, é importante refletir de forma profunda sobre seu trabalho, suas idiossincrasias e a relação das questões de gênero com os estigmas a elas associados.

Para Simone de Beauvoir no livro “O segundo sexo: fatos e mitos”, por mais que não seja óbvia a definição de “mulher”, deve-se evidenciar que existem duas categorias de indivíduos no mundo, sendo estes diferenciados por aspectos materiais, biológicos e sociais, entre outros aspectos segregacionais. Para a autora, porém, a relação entre feminino e masculino não é simétrica. “O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “os homens” para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocabulário *vir* o sentido geral da palavra *homo*” (BEAUVOIR, 1970, p. 9).

No livro, a autora traz a ideia central de que, enquanto o homem ocupa a posição de Sujeito, a mulher é o Outro na sociedade. “A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial” (BEAUVOIR, 1970, p. 10). Para a autora, a pessoa universal e o gênero masculino se fundem em um só gênero, sendo a mulher aquilo que é diferente deste.

De acordo com Judith Butler no livro “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”, o sujeito é uma construção a partir de discursos, e através da repetição de ações, que por sua vez, são inscritas em seus corpos. “De fato, quando se diz que o sujeito é constituído, isso quer dizer simplesmente que o sujeito é uma consequência de certos discursos regidos por regras, os quais governam a invocação inteligível da identidade.”. (BUTLER, 2003, p. 209).

Deste modo, as identidades de homens e mulheres são constituídas de acordo com os caminhos discursivos pelos quais percorrem. Nesta lógica, “ser mulher” compreende múltiplos significados, como por exemplo, “ser mãe”, “ser boa esposa”, “ser competente”, “ser bela, recatada e do lar”. A prostituição é como um desvio da mulher em relação ao papel – ou a um dos papéis – que ela “deveria desempenhar” na sociedade. Talvez daí a estranheza do senso comum sobre a figura da prostituta.

Hoje o mundo vive supostamente numa era de liberdade sexual. As discussões de gênero ganham proporções cada vez maiores e os movimentos feministas vêm alcançando mais espaços para difusão de seus ideais, relacionados à igualdade e a liberdade feminina em todas as esferas. Mas a relação que as mulheres têm com seus próprios corpos ainda carrega marcas do pensamento construído há gerações.

A sociedade continua machista e as mulheres ainda estão inseridas em contextos de submissão e sofrem pela desigualdade em relação aos homens. Como aponta Simone de Beauvoir (1970), em muitas categorias também desiguais, a dominação se dá pela lógica da quantidade, como no caso dos negros dos Estados Unidos em comparação com os brancos. Os primeiros são minoria na sociedade estadunidense. No entanto, “há tantos homens quantas mulheres na Terra” (BEAUVOIR, 1970, p. 12). Ou seja, a subordinação da mulher ao homem não é pautada pela lógica da quantidade. Por que, então, ainda hoje, as mulheres são consideradas minoria?

“[...] *ser é ter-se tornado*, é ter sido feito tal qual se manifesta. Sim, as mulheres, em seu conjunto, são hoje inferiores aos homens, isto é, sua situação oferece-lhes possibilidades menores: o problema consiste em saber se esse estado de coisas deve perpetuar-se” (BEAUVOIR, 1970, p. 18).

Apesar de milenar, a prostituição ainda não é considerada uma profissão como qualquer outra. Ao contrário, sempre movimentou debates públicos, foi alvo de críticas e considerada indigna. Há gerações, as prostitutas precisam lutar para serem respeitadas e enxergadas como pessoas honestas, que o sexo para elas é trabalho.

A problemática da prostituição como uma questão do social sempre foi intrigante. Juristas, médicos e delegados de polícia, desde o início do século passado, debruçaram-se sobre ela. No fio condutor de suas análises, a perspectiva de normatizar condutas e regularizar a ação no espaço público. Contudo, algo sempre

foi questionado: o que justificava a opção pela prostituição? Como compreender a relação cáften/prostituta? (KUSHNIR, 1996b, p. 39)

A pergunta feita por Kushnir, em seu livro “Baile de Máscaras: Mulheres Judias e Prostituição: As Polacas e suas Associações de Ajuda Mútua”, apesar de feita há mais de 20 anos, é extremamente atual e cabível. O que leva as mulheres à prostituição? É uma opção? É natural? A prostituição é uma das formas de dominação masculina. Por ser uma prática que perpetua há gerações, deve ser analisada sob o ponto de vista de gênero e considerando as questões relacionadas à representação social da mulher e sua relação com a sexualidade.

Assim, preconceitos e estigmas devem ser substituídos por um pensamento aprofundado e, principalmente, interesse em analisar o comércio do sexo por uma perspectiva humanizada e que leve em consideração as diferentes razões que levam as mulheres a se prostituir. As mulheres sempre tiveram seus corpos sexualizados. Ainda hoje são vistas como objetos e ainda não alcançaram o direito mínimo de serem respeitadas integralmente. Prova disso é o assédio nas ruas, que acontece diariamente e provoca constrangimento e medo às mulheres.

É difícil definir a prostituição como uma forma de trabalho por opção e expressão de liberdade sobre seu próprio corpo ou uma profissão que coloca as mulheres em situação de vulnerabilidade e risco de sofrerem violência física e sexual. Este trabalho não tem como objetivo responder à pergunta, mas fomentar o debate e levantar questionamentos, trazendo a mídia – mais precisamente as novelas – para a discussão.

2.2 – Corpo feminino, desejo masculino

Para Judith Butler, “o “corpo” é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de “corpos” que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero” (2003, p. 27). O corpo é o instrumento onde se inscrevem construções sociais e por meio do qual as pessoas – e os diferentes gêneros – são representados fisicamente.

Para Butler, é importante desmistificar a ideia do corpo como uma entidade natural. Ele é repleto de significados criados culturalmente e de acordo com os ambientes sociais nos quais se está imerso. Sobre o corpo feminino, principalmente, são inscritos diversos significados, que se diferenciam e se assemelham de acordo com as múltiplas culturas. Um clássico exemplo é a ideia quase universal de que as mulheres possuem “instinto maternal”, isto é, uma inclinação natural, como indica a própria expressão, a serem mães.

Ao contrário, a idealização das mulheres como seres destinados à procriação e ao cuidado dos filhos (e do lar) nada mais é do que fruto de elaboração cultural. É uma construção que vem sendo feita há gerações, quando emergiu a figura de “mulher do lar”. Com esta concepção, veio também a tentativa de “dessexualização” da mulher, em prol do seu posicionamento como sujeito de honra e “moça de bem”, que deveria manter-se virgem até o casamento, onde entregaria-se a um homem só e com ele viveria até o fim. Enquanto este momento não chegasse, a mulher deveria conter seus desejos sexuais.

Da mesma forma, a concepção de corpo como um instrumento de caráter privado, bem como a idealização do sexo como ato que envolve “paixão” ou “amor”, ou ainda como método de procriação, e que, geralmente, deve acontecer entre indivíduos que nutrem afeto um pelo outro, são construções culturais.

A pesquisadora Cristiane Costa no livro “Eu compro essa mulher: romance e consumo nas telenovelas brasileiras e mexicanas” aborda o nascimento do conceito de amor romântico.

Se agora todos sabemos o que é amor, e como ele funciona, isso “não quer dizer que não foi inventado como o fogo, a roda, o casamento, a medicina”. No entanto, declarar que o conceito de amor foi criado no século 12 é diferente de acreditar que não existissem afetos e paixões até esse momento. O que se afirma é que a cultura de valorização do amor romântico, tal qual conhecemos hoje, ainda não tinha sido inventada. COSTA, 2000, p. 16)

Costa afirma que a linguagem romântica foi instaurada pela cortesia e que o movimento logo se espalhou por todo o ocidente cristão (COSTA, 2000).

Há ainda a concepção do sexo como uma atividade realizada por interesse carnal, e não como atividade comercial, ou seja, o aceitável é que não se pague por uma relação sexual. A prostituição representa, nesta realidade, uma ruptura nas concepções comumente imaginadas para a utilização do corpo e, principalmente, do corpo feminino. Ao prostituírem-se, as mulheres levam seus corpos, sua sexualidade e sua sensualidade para a esfera pública.

2.3 – Prostituição da mulher e feminismo

Há séculos, as mulheres lutam pela garantia de seus direitos e pela igualdade em relação aos homens. Entre as pautas, o direito à educação e ao voto, o acesso ao mercado de trabalho, o divórcio e muitas outras. Com o passar dos anos surgem novos pontos de discussão e assuntos na agenda.

[...] o feminismo, movimento que defendia a desigualdade de direitos e de “status” entre homens e mulheres, ganhou ainda mais força nos séculos XIX e XX, pois o século XVII fora marcado pela desigualdade dos direitos do homem e da mulher. O

movimento feminista encorajou as mulheres a denunciar a sujeição em que eram mantidas e que se manifestava em todas as esferas da vida: familiar, social, jurídica, política, econômica, educacional etc. (BORIS & CESÍDIO, 2007, p. 459)

Em meio a tantas lutas, surgem os movimentos feministas, com o objetivo de representar as mulheres, garantir seus direitos e pôr fim à opressão masculina. Desde então, as militantes do feminismo vêm propagando as suas ideias e manifestando insatisfações a respeito da repressão sofrida pelas mulheres diante de uma sociedade onde os homens sempre lideraram.

Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente pareceu necessário, a fim de promover a visibilidade política das mulheres. Isso parecia obviamente importante, considerando a condição cultural difusa na qual a vida das mulheres era mal representada ou simplesmente não representada. (BUTLER, 2003, p. 18)

Ao longo do tempo, muitas conquistas importantes se devem à organização do movimento. Entre elas, a criação da Fundação das Mulheres do Brasil, aprovação da Lei do Divórcio e a criação do Movimento Feminino Pela Anistia no ano de 1975, considerado o Ano Internacional da Mulher, além da criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, na década de 80, que mais tarde passa a ser Secretaria de Política para as Mulheres.

Questões antigas são, ainda hoje, pautas do movimento feminista, como a equiparação salarial, o problema da violência contra a mulher, os muitos casos de assédio, a pouca inserção feminina na política e o aborto, por exemplo. Mas o movimento feminista é plural. Existem diversas vertentes, com diferentes opiniões sobre os assuntos.

A prostituição é uma delas. Atividade polêmica, a venda do sexo é enxergada de diferentes formas pelos diversos atores sociais. Enquanto há quem entenda a prostituição como uma forma de liberdade da mulher sobre seu próprio corpo, ao passo em que ela desvia do perfil “recatada e do lar”, é importante identificar que acontecem muitos casos de violência contra a mulher no exercício da profissão. Sem regulamentação, sem apoio, muitas destas mulheres sofrem e, muitas vezes, sentem-se obrigadas a tolerar crimes.

Não se pode afirmar que as mulheres se submetem a este tipo de trabalho por vontade própria. Não há somente uma razão para que mulheres tornem-se e permaneçam prostitutas. As causas são muitas e os perfis de mulheres envolvidas com a prática são múltiplos. Uma pesquisa realizada pela Universidade de Brasília em 2002 a pedido do Ministério da Saúde traçou o perfil

econômico da prostituta brasileira. A Folha de São Paulo publicou os dados¹⁰, que apontam que a maioria das prostitutas brasileiras são jovens entre 20 e 29 anos de idade (46,3%), têm primeiro grau incompleto (67%), de um a quatro anos de profissão (47%) e recebe de um a dois salários mínimos por mês (36%).

A prostituição, por sua vez, existe por realidades culturais profundas e que perpetuam há gerações. A grande causa da prostituição não pode ser reduzida a “porque as mulheres querem”. Por anos, elas vêm sofrendo pela dominação masculina e sendo oprimidas por serem mulheres. O comércio do sexo carrega marcas desta dominação. Fatores culturais semelhantes como a objetificação do corpo feminino, a iniciação de jovens na vida sexual com prostitutas, o adultério masculino e a necessidade de sustento de mulheres, que por muitas vezes não tiveram oportunidades de estudo ou outras formas de trabalho devem ser postos em pauta.

Aqui, é importante retornar à pergunta principal. Afinal: a prostituição é um ato de empoderamento feminino ou um ato de violência contra a mulher? O debate é longo e muito amplo. Não há consenso, uma vez que o movimento feminista no Brasil é heterogêneo. Assim, diferentes vertentes do feminismo eventualmente podem discordar em certas pautas. Em qualquer uma delas, há o objetivo comum de garantir os direitos das mulheres, cada um com sua visão.

A pesquisadora Adriana Piscitelli no artigo “Gênero no mercado do sexo” confirma estas diferentes opiniões sobre a prostituição segundo o movimento feminista. “As percepções sobre a prostituição em um e outro extremo são diversificadas. Num deles, a vinculação das mulheres com o sexo é percebida como a raiz de sua opressão e abuso” (PISCITELLI, 2005, p. 13).

Vertentes do movimento feminista são favoráveis à legalização da prostituição. Para estas, a regulamentação é uma forma de garantir que as mulheres possam exercer a profissão em condições adequadas. Esta visão defende que esta é uma demanda das prostitutas e, nada mais justo do que ouvi-las e lutar com elas.

Sob o ponto de vista legal, a questão da regulamentação ou criminalização da prostituição divide opiniões ao redor do mundo. Países como a Suécia e a França proibiram a prática. Nestes países, aqueles que pagam por serviços sexuais são criminosos. Outros, por sua vez, a legalizaram, como é o caso da Alemanha, Holanda, Grécia, Nova Zelândia e Bélgica, por exemplo. Em cada um destes países há limitações e condições específicas para a autorização da atividade.

No Brasil, apesar de reconhecida como ocupação profissional pelo Ministério do Trabalho, a prostituição não é regulamentada. De acordo com Teixeira Rodrigues, em 2003, o deputado

¹⁰ FOLHA DE SÃO PAULO. 46,3% das prostitutas têm de 20 a 29 anos. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0412200222.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

Fernando Gabeira, até então do Partido dos Trabalhadores (PT), criou o Projeto de Lei 98/2003, a fim de regulamentar a profissão (2009, p. 72). O documento foi arquivado pouco depois. Em 2012, o deputado federal Jean Wyllys (PSOL), resgatou o projeto de lei, agora PL 4211/2012 e batizado PL Gabriela Leite, em homenagem à prostituta, ativista brasileira e criadora da grife Daspu, falecida em 2013. O documento, que propunha alterações no Código Penal, nunca foi aprovado na Câmara.

Os grupos feministas favoráveis à prostituição entendem que não há como ignorar que a atividade existe e contentar-se com intervenção política alguma. Entre elas, estão feministas que apoiam o PL Gabriela Leite e entendem que esta é uma forma de garantir melhores condições de trabalho, melhores remunerações, chegar mais perto do fim do estigma e a diferenciação entre a prática da prostituição e o tráfico ilegal de mulheres e crianças. Esta vertente acredita também que a regulamentação da profissão é uma forma de garantir representação social às prostitutas, que muitas vezes são vistas com repulsa por parte da sociedade. Piscitelli afirma que há posicionamentos do movimento feminista que leem a prostituição das mulheres como a fonte de seu maior poder.

Assim, a prostituta seria um símbolo da autonomia sexual das mulheres e, como tal, uma ameaça potencial ao controle patriarcal sobre a sexualidade das mulheres. Outras, mais cautelosas, pensam no sexo como um terreno de disputa, não como um campo fixo de posições de gênero e poder. Estas linhas de pensamento reconhecem a existência de uma ordem sexista, mas consideram que ela não é inteiramente determinante. O sexo é visto como uma tática cultural que pode tanto desestabilizar o poder masculino como reforçá-lo (PISCITELLI, 2005, p. 13-14).

Outros grupos feministas são contrários à prostituição. De acordo com Piscitelli, “as leituras ambivalentes e negativas sobre a prostituição se ampliam a partir do final da década de 1990” (PISCITELLI, 2012, p. 15). Uma das grandes justificativas para esta visão negativa é a ideia de que a regulamentação da prática legitimaria a mercantilização do corpo da mulher. Estas vertentes acreditam que esta seria uma forma de permanência da exploração dos donos de casas de prostituição sobre as mulheres e que é necessário problematizar a questão. A prostituição, para estes, nada mais é do que a exploração sexual da mulher.

Segundo a pesquisadora Wendy Chapkis, nas discussões sobre o significado e a função do sexo, a prostituta passou a ser vista como escrava sexual e o personagem mais subversivo segundo a ordem social sexista. (CHAPKIS *apud* PISCITELLI, 2005, p. 13).

A autora afirma que “assim, a prostituição é vista como caso extremo do exercício abusivo do sexo, portanto, quem oferece serviços sexuais é percebida como inerentemente vítima de violência. Nessa visão, a prostituta é um objeto sexual, um ser passivo e carente de poder” (PISCITELLI, 2005, p. 13).

Para muitas feministas, há diversas razões profundas para se combater a venda do sexo. Para elas, esta é uma forma de utilização das mulheres como objeto a fim do prazer masculino. É como um reforço da dominação do homem em detrimento das mulheres. Além disso, estas feministas entendem que é necessário pôr fim à cafetinagem, proteger as mulheres de doenças sexualmente transmissíveis, combater a prostituição infantil e o tráfico de pessoas, prática que ocorre, muitas vezes, com o objetivo de levar mulheres ao comércio do sexo.

Legalizar, para algumas vertentes feministas, significa o entendimento de que existem muitas mulheres em situações de extrema vulnerabilidade e hoje, correm riscos de sofrer violência sexual, ou ainda necessidade financeira suficiente para que se submetam à prostituição ao enxergarem nela uma oportunidade de remuneração para seu sustento. Piscitelli traz as ideias da pesquisadora Maria Luisa Maqueda para a discussão:

De acordo com a autora, a criminalização do entorno da prostituição é compartilhada pelas linhas proibicionistas. Mas, a consideração das prostitutas como vítimas, específica do abolicionismo, está associada à idéia de que o consentimento delas é irrelevante, desconhecendo o princípio de autonomia da vontade (MAQUEDA *apud* PISCITELLI, 2012, p. 21).

O tema é de grande relevância e, apesar disso, ainda alvo de tabus. Para além da decisão de legalizar ou criminalizar, é fundamental não se abster de um posicionamento a respeito da prostituição. Para Piscitelli, “as práticas de prostituição, tais como outra forma de mercantilização e consumo, devem ser lidas de maneiras mais complexas que apenas uma confirmação da dominação masculina: em certas circunstâncias, elas podem ser espaços de resistência e de subversão cultural” (PISCITELLI, 2005, p. 14).

Se ainda hoje a prática existe, é fundamental insistir em grandes debates públicos e políticos sobre a questão da prostituição, além de pensar em formas de garantir a integridade e a dignidade destas mulheres e acolher aquelas que estiverem em situações de risco ou simplesmente desejam deixar a profissão e ingressar em uma outra. Aliás, quais as outras possibilidades que existem para estas mulheres? É importante que políticas públicas acolham estas mulheres e assegurem seus direitos e proteção.

Segundo um estudo da fundação francesa Scelles, de 2012, publicado na BBC Brasil¹¹, estima-se que mais de 40 milhões mulheres sejam trabalhadoras do sexo no mundo. O relatório

¹¹ BBC Brasil. Mais de 40 milhões se prostituem no mundo, diz estudo. Disponível: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/01/120118_prostituicao_df_is>. Acesso em: 1 maio 2018.

aponta que 75% são mulheres jovens, com idades entre 13 e 25 anos. O estudo analisou o fenômeno em 24 países, como a França, Estados Unidos, China e México.

É imprescindível que, acima de tudo, estas prostitutas tenham voz. É importante ouvi-las, entender o que vivem, saber suas necessidades, promover dignidade a elas. “A crítica feminista também deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação. (BUTLER, 2003, p. 19).

2.4 – Empoderamento feminino ou violência contra a mulher?

Vender sexo não significa liberdade. Viver num mundo onde existe a indústria do sexo não necessariamente indica que, nessa sociedade, existem mulheres empoderadas ao ponto de venderem momentos de prazer e fazerem o que quiserem com seus corpos. Por outro lado, pode significar que a história da mulher é de opressão e dominação masculina há gerações e que o resultado disso é claro: homens criaram a necessidade de comprar sexo.

Mais do que isso, é considerado natural que eles tenham esta – questionável – necessidade de pagar para satisfazerem seus desejos sexuais, sem que para isso estejam em uma relação que envolve compromisso emocional. Considera-se que é uma relação puramente carnal e, por isso, mais “prática” para eles. Comprar sexo dá ainda aos homens uma sensação de poder. Muitos sentem muito mais desejo ao fazer sexo com prostitutas do que com namoradas, esposas e afins. Com as profissionais eles se sentem poderosos. Afinal, pagaram por aquele período de sexo e, por isso, as mulheres devem obediência à eles na cama e devem estar dispostas a atender aos seus pedidos.

A criminalização da prostituição, em alguns países, como a França, não busca culpar as trabalhadoras do sexo, mas os homens, que são clientes. A decisão do país europeu parece concordar com a lógica de que a indústria do sexo existe porque há homens que colaboram com a sua movimentação.

Muitas prostitutas são violentadas em diferentes níveis ao atender sua clientela. A violência acontece nas esferas física, psíquica e emocional. As razões para continuarem se submetendo a isso são tantas quanto os perfis de mulheres que se prostituem. Boa parte delas são mães e precisam sustentar a seus filhos; são as responsáveis financeiras em seus lares. Outras não tiveram a oportunidade de estudar ou nunca receberam outras oportunidades de trabalho e, por isso, se envolvem com a prostituição. Há mulheres que são surpreendidas ao receber homens violentos e há

casos fatais. A pesquisadora Tânia Navarro Swain no artigo “Banalizar e naturalizar a prostituição: violência social e histórica” relaciona a prostituição ao estupro e à violência.

No estupro e na violência material e psicológica, encontram-se raízes da prostituição; no aliciamento para o mundo artístico, inumeráveis jovens desaparecem no tráfico internacional de mulheres, onde são vendidas e confinadas em bordéis; no apelo ao consumo e na falta de oportunidades de trabalho, na ausência de capacitação profissional e mesmo de alfabetização, outras passam a vender seus corpos, já que, afinal, não é este um destino “natural” para as mulheres? Mas não só a ausência de condições materiais que estimula a venda de corpos: são as representações sociais sobre as mulheres, são as condições de imaginação social que asseguram a existência da prostituição como algo banal e natural. (SWAIN, 2004, p. 26)

Independente de todas as variáveis, é inadmissível que as prostitutas carreguem tantos estigmas devido ao trabalho que exercem. Já bastam as situações de violência física no exercício da profissão, o abuso de seus cafetões e as remunerações, muitas vezes, baixíssimas. Antes de tudo, são mulheres. É preciso respeitá-las junto suas trajetórias. Elas passaram pelo mesmo histórico de opressão que todas as outras e vêm lutando para conquistar respeito e espaço.

3 – Cenário da prostituição no Brasil

Conforme já apontado anteriormente, de acordo com estudo da fundação Scelles¹², de 2012, mais de 40 milhões de mulheres são prostitutas ao redor do mundo. O relatório aponta que 75% são jovens, com idades entre 13 e 25 anos. O estudo analisou o fenômeno em 24 países, como França, Estados Unidos, China e México.

Já no Brasil, calcula-se que cerca de 1,5 milhão de pessoas se prostituem, segundo pesquisa da Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC)¹³, realizada em 2000. O estudo revela que 59% das mulheres dizem que são prostitutas porque são chefes de família e precisam sustentar os filhos sozinhas. Grande parte das prostitutas apresenta baixo nível de escolaridade e, por isso, muitas enfrentam dificuldades na tentativa de acesso ao mercado de trabalho. No total, 45,6% têm o primeiro grau de estudos e 24,3% não chegaram a concluir o Ensino Médio.

De acordo com Claudia Jaqueline Munhoz et al., no artigo “Opinião de mulheres sobre sua vida relacionada com a prostituição”, essa é uma forma de atender a necessidades básicas de sobrevivência.

A crise econômica e social contribui para o aumento do comércio sexual, gerando renda suficiente e rápida. Dentre as escolhas para a prostituição tem como forte influência a necessidade de sustentar a família, auto responsabilidade pela manutenção e subsistência do grupo doméstico e o baixo nível de escolarização, dificultando a inserção no mercado de trabalho que está cada vez mais exigente. (MUNHOZ, Claudia; CANO, Maria Aparecida; SOLER, Zaida Aurora et al., 2009, p. 557)

A prostituição pode ser uma “solução imediata” para dificuldades financeiras. Mas isso faz com que possa ser considerada uma escolha da mulher? Ou uma imposição da sociedade às mulheres pobres?

Na Grécia antiga existiam diversos tipos de prostitutas: as cortesãs de classe alta, as dançarinas, as meretrizes, as escravas dos bordéis, os adolescentes, as concubinas e as escravas domésticas. Seu crescimento passou a atrair os olhares dos governantes, que idealizaram os bordéis a fim de gerar lucro. Elas eram chamadas “mulheres públicas” ou “mulheres de todos” e viviam sob os papéis estabelecidos pelo governo. “Recebiam salário do Estado entregue pelo gerente do bordel, surgindo a cafetina e a exploração do sexo” (MUNHOZ, Claudia; CANO, Maria Aparecida; SOLER, Zaida Aurora et al., 2009, p. 558).

¹² Mais de 40 milhões de prostituem no mundo, diz estudo. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/01/120118_prostituicao_df_is>. Acesso em: 7 maio 2018.

¹³ Estatísticas. Disponível em: <<https://ongmarias.wordpress.com/estatisticas/>>. Acesso em: 7 maio 2018.

Hoje, a prostituição pode ser dividida entre baixo e alto meretrício. E pode acontecer em diversos espaços: na rua, em bordéis, em bares, boates, casas fechadas ou ainda no acompanhamento de homens da alta sociedade.

No alto meretrício concentram-se as prostitutas de luxo, também chamadas “garotas de programa”. Estas atendem uma clientela poderosa. São mulheres bonitas, que seguem o padrão de beleza – magras, altas, com boa aparência – e atendem executivos, empresários, trabalham em casas de luxo, como o Café Photo, de São Paulo. No Brasil, chegam a cobrar até milhares de reais¹⁴.

As prostitutas de luxo precisam investir em seu corpo e aparência. Gastam tempo e dinheiro em salões de beleza, cuidados com o cabelo e a pele, academia e até mesmo procedimentos estéticos. Precisam estar sempre “belas” e bem apresentadas. Isto porque estas garotas de programa não “parecem” prostitutas, isto é, não seguem os estereótipos da mulher extravagante, considerada vulgar. Ao contrário, são discretas e, por isso, são contratadas, eventualmente, como acompanhantes de grandes empresários.

As garotas de programa também atendem um outro perfil específico de clientes: os homens casados. A discrição das prostitutas que atendem os comprometidos é assunto levantado pela série “O Negócio”, produzida e exibida pela HBO a partir de 2013. As protagonistas, quatro prostitutas de luxo que decidiram aplicar técnicas de marketing e negócios em sua profissão, são impecáveis e não deixam vestígios de sua presença nos clientes. Não deixam seu perfume, fios de cabelo ou marcas de batom. Asseguram-se para que os segredos destes homens sejam mantidos.

Resultado do trabalho bem-sucedido das personagens é a criação da empresa “Oceano Azul”, que as permite se livrarem da relação de trabalho com cafetões e tocarem o próprio negócio. A série contou com quatro temporadas e a reação do público foi tão positiva que levou a estreia da última temporada a ser exibida simultaneamente em mais de 50 países¹⁵, no dia 18 de março de 2018.

Há garotas de programa que vivem uma vida de luxo. Vestem roupas, bolsas e sapatos de marcas caríssimas, estão sempre em festas, baladas e restaurantes luxuosos, quando não em passeios de helicópteros e aviões particulares. São mulheres objetificadas. Seus corpos são como produtos e as mulheres são como mercadorias disponíveis em um catálogo.

¹⁴ REVISTA TPM. GAROTAS DE PROGRAMA DE LUXO. Disponível em:

<<https://revistatpm.uol.com.br/tpm/garotas-de-programa-de-luxo>>. Acesso em: 8 maio 2018.

¹⁵ TELA VIVA. Última temporada de “O Negócio” estreia em mais de 50 países e amplia visibilidade de séries brasileiras no exterior. Disponível em: <http://telaviva.com.br/12/03/2018/ultima-temporada-de-o-negocio-estreia-em-mais-de-50-paises-e-amplia-visibilidade-de-series-brasileiras-no-exterior>. Acesso em: 10 jun. 2018.

De Beauvoir comenta ainda a respeito da prostituição: “[...] gostaríamos de saber a influência psicológica que esta brutal experiência teve sobre seu futuro; mas não se psicanalisa “as putas”, elas não sabem se descrever e se escondem sob os clichês” (idem, 380). Esta questão é bem ilustrativa da banalização e naturalização da prostituição: as mulheres violentadas são usualmente encaminhadas para um acompanhamento psicológico; mas, e as prostitutas? Ou elas realizam a improvável operação da separação de seus corpos e mentes quando exercem esta atividade, ou são apenas robôs, destituídas de psique, de sentimentos, de emoções. (BEAUVOIR *apud* SWAIN, 2004, p. 26)

Muitas jovens e menores de idade tornam-se prostitutas de luxo a partir do desejo de tornarem-se modelos famosas. É o caso de Angel, personagem da série “Verdades Secretas”, exibida pela Rede Globo em 2015. Na trama, a protagonista, interpretada pela atriz Camila Queiroz, vive um quadro de dificuldades financeiras na família e sonha em ser uma *top model*. Ela encontra uma agenciadora, que não apenas direciona meninas às passarelas, mas trabalha com o chamado “Book Rosa” – ficha de modelos que aceitam, eventualmente, propostas de programas. Angel entra neste universo no início da trama.

No mundo contemporâneo, acadêmicas ou mulheres de classe média buscam essa atividade para pagar a faculdade ou completar a renda familiar, tornando-se “garotas de programa”, “massagistas”, “acompanhantes de luxo”. Prostitutas de nível alto que se envolviam com essas atividades temporariamente passando para empregos de maior prestígio. (MUNHOZ, Claudia; CANO, Maria Aparecida; SOLER, Zaida Aurora et al., 2009, p. 559)

Um olhar, porém, sobre este tipo de prostituição não leva, imediatamente, a enxergar estas prostitutas como mulheres escravizadas. Ao contrário, ver mulheres que trabalham para clientes poderosos, são muito bem pagas, estão sempre vivendo uma vida de luxo, com direito a viagens, jantares e passeios caros, jóias e todas estas “regalias” leva a relacionar este tipo de prostituição a uma questão de escolha.

Essas mulheres parecem estar ali porque assim o desejam: por gostarem de estar inseridas num universo de *glamour* e status, pelo bom retorno financeiro ou ainda por ocuparem espaços que talvez algumas delas nunca ocupariam em suas vidas fora da prostituição. A percepção é diferente quando o assunto é o baixo meretrício. Este nível de prostituição atende a camada mais popular da sociedade – mesmo operários e homens de baixo poder aquisitivo podem pagar pelo prazer nestas zonas. Lá, as mulheres cobram valores bem mais baixos que as garotas de programa. Estas prostitutas “batem seus pontos” nas ruas e em bordéis, por exemplo.

No Brasil, há grandes espaços onde se concentram as zonas de baixo meretrício. Itatinga, por exemplo, é um bairro no município de Campinas (SP) dedicado exclusivamente ao exercício da

prostituição. Criado há mais de 50 anos, Itatinga é um ponto de oferta de prostituição a custo baixo. Outro deles é a Vila Mimosa, ponto de prostituição famoso no Rio de Janeiro. Com mais de 70 casas e programas custando menos de R\$ 50, o lugar chega a ser decadente.

A mobilidade entre estes dois níveis de prostituição é raríssima. Isto porque, para atingir clientes de alto nível como empresários e poderosos, é necessário que a garota siga um padrão específico: precisa ter aparência de modelo, um corpo perfeito, além de educação e certa *finesse*. Muitas são meninas mais jovens e universitárias.

Na novela Paraíso Tropical, exibida na TV Globo em 2009, Bebel, personagem vivida pela atriz Camila Pitanga, trabalhava num bordel na Bahia e, em seguida, no calçadão de Copacabana, sob a dominação de um cafetão que a explorava. Sabendo que a migração para o portfólio de garotas para executivos elevaria sua qualidade de vida, ela pede ao cafetão que a permita fazê-lo, o que não acontece com facilidade.

A prostituta precisou armar um plano contra seu cafetão para ir ao encontro de um cliente rico e, enfim, alcançar seu grande objetivo: abandonar o asfalto e se tornar prostituta de luxo. Em seu artigo “No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos”, a pesquisadora Gláucia Russo afirma que o preço cobrado está diretamente relacionado ao valor social da mulher.

[...] no que diz respeito às mulheres inseridas em relações de prostituição, seria possível afirmar que quanto maior o montante pago para adquirir o serviço por ela oferecido, mais ela se afasta do estereótipo social ligado à figura da prostituta. A própria nomenclatura utilizada se modifica: ela deixa de ser prostituta e passa a ser garota de programa, e tal fato não é indiferente; a força social de um ou outro termo não pode ser desconsiderada. (RUSSO, 2007, p. 503)

De acordo com Iara Beleli e José Miguel Nieto Olivar, em seu texto “Mobilidade e prostituição em produtos da mídia brasileira”:

O investimento em retóricas que marcam diferenças entre prostituições mais ou menos possíveis, mais ou menos “dignas” ou aceitáveis (re)cria os próprios sentidos da distinção e são constantes tanto nas leis e políticas públicas, quanto nos discursos das próprias pessoas vinculadas à prostituição e na mídia. (BELELI & OLIVAR, 2011, p. 504)

Isto é, a sociedade cria marcadores de distinção entre as mulheres que se prostituem de acordo com os tipos de prostituição aos quais se submetem. Uma são consideradas mais decadentes do que outras. Algumas são menos estigmatizadas pela sociedade, por não seguirem os estereótipos de uma prostituta de rua. Algumas são vistas como vítimas e outras como vilãs, mas em todos os casos, são antes de tudo, mulheres.

3.1 – História da Vila Mimosa

A história da Vila Mimosa, a zona de prostituição mais conhecida no Rio de Janeiro, passa por três fases. Isto porque, por duas vezes, ela foi tirada de seu lugar e precisou mover-se. A seguir, a história destas transferências será contada neste capítulo, que trará ainda uma abordagem social sobre as prostitutas da Vila e as especificidades deste centro de prostituição.

3.1.1 – Zona do Mangue

O conceito de um espaço geográfico específico voltado para a prática da prostituição iniciou-se há décadas. No século XX, havia na região central do Rio de Janeiro a chamada Zona do Mangue, conjunto de ruas e casas localizado próxima às estações de trem da Central do Brasil e da Leopoldina e ao porto onde era frequente uma grande circulação de pessoas, marinheiros, viajantes.

Segundo a pesquisadora Soraya Simões, em seu artigo “Identidade e política: a prostituição e o reconhecimento de um métier no Brasil”, o lugar abrigava “pequenos alojamentos, cortiços, pensões e “casas de zungu” que propiciavam o acolhimento dos trabalhadores que por ali passavam em suas rotinas cotidianas ou na chegada à cidade” (SIMÕES, 2010, p. 30).

Como já abordado, em meados do século XX, pairava no imaginário popular a ideia de que as prostitutas eram parte responsável pela proliferação de doenças venéreas. O governo então imaginava que uma possível solução para tal seria a restrição de um espaço específico onde ficariam as prostitutas.

A Zona do Mangue recebeu duas instituições disciplinares com o objetivo de instaurar uma espécie de “cordão sanitário” naquela região. Segundo Simões (2010), a primeira delas foi o Hospital São Francisco de Assis, em 1922, que tinha o objetivo de tratar doenças venéreas. O 13º Distrito de Polícia foi a segunda instituição disciplinar instalada na Zona do Mangue, que contava com fichas de todas as mulheres que trabalhavam nos bordéis da região.

Dois anos antes, durante a visita do rei e da rainha da Bélgica ao Rio de Janeiro, governantes ordenaram que o único local onde as prostitutas da época poderiam trabalhar e ir em busca de clientes seria a região do Mangue. Este passou a ser considerado o lugar propício para a instauração da zona do baixo meretrício carioca.

O objetivo era delimitar uma área onde estaria localizada a imoralidade da cidade, em outras razões, para a restrição destes ambientes imorais e o controle das doenças sexualmente

transmissíveis. A região tornava-se então a “área natural do baixo meretrício no Rio de Janeiro” (SIMÕES, 2010, p. 31). Em seu artigo “Identidade e política: a prostituição e o reconhecimento de um *métier* no Brasil”, a autora Soraya Simões afirma que a criação do bordel higienizado na região da Cidade Nova era a medida que mais se adaptava aos interesses da época.

Sua localização já tinha até mesmo um espaço naturalmente definido pelas interações que se davam nos botequins e pequenos hotéis existentes nas ruas próximas ao canal do Mangue, a meio caminho das estradas de ferro Central do Brasil e Leopoldina, onde operários da construção civil, marinheiros, caixeiros viajantes, outros trabalhadores e imigrantes constituíam um forte atrativo para o exercício da atividade. (SIMÕES *apud* PASINI, 2005a, p. 44)

Nascia a Zona do Mangue, que mais tarde viria a ser a maior zona de prostituição fechada do Rio de Janeiro, a principal região de baixo meretrício na cidade. Segundo Elisiane Pasini, mestre em Antropologia Social e estudiosa de temas relacionados à prostituição, é na década de 30 que a Zona do Mangue vive seu auge e se afirma como maior ponto de prostituição no Rio de Janeiro.

De acordo com Pasini (2005a), o Mangue rapidamente passou a ser frequentado por artistas, sambistas, políticos, militares, entre outros, se tornando um dos principais espaços da boemia carioca. Entre os famosos frequentadores da região destacam-se Manoel Bandeira, Luiz Gonzaga, Cartola e Moreira da Silva.

Nesta época, inicia-se o projeto de reurbanização da cidade do Rio de Janeiro e promoção de uma expansão urbana, o que reduziu a região do Mangue e foi um dos fatores para o fim da zona. A primeira medida ocorreu em 1945, com a construção da Avenida Presidente Vargas. Segundo Simões, a reforma “pôs abaixo cerca de quinhentos edifícios da região, entre eles quatro igrejas, um mercado, a sede da prefeitura e muitas casas onde funcionavam os bordéis” (SIMÕES, 2010, p. 31). A redução do número de bordéis na Zona do Mangue espalhou entre os moradores da cidade o medo de que a prostituição fosse direcionada para outras regiões.

Mais tarde, em 1967, o Rio de Janeiro recebeu a visita da rainha Elizabeth II e sua comitiva. Para a sua chegada, o governo exigiu a colocação de tapumes para tornar a Zona do Mangue invisível. “A ordem dos militares era esconder o Mangue com tapumes e, com isto, traçar, finalmente, os limites da “zona”” (SIMÕES, 2010, p. 32). Vale notar que nas visitas das rainhas (antes, da rainha da Bélgica e, desta vez, da rainha Elizabeth II) as prostitutas sofrem consequências. A vinda destas nobres interfere na vida e cotidiano das garotas.

O estopim para o fim da Zona do Mangue aconteceu anos mais tarde, no final dos anos 70. A cidade era marcada pelas obras de construção do metrô e do Centro Administrativo São Sebastião

(CASS), sede da Prefeitura do Rio de Janeiro. Segundo Simões (2010), dezenas de casas foram desapropriadas e os planos eram que muitas outras ainda passassem por este processo. O projeto de reurbanização da cidade conseguia, aos poucos, expulsar a Zona do Mangue de seu lugar.

O Projeto CASS, que reurbanizaria o entorno do novo centro administrativo do Governo Municipal, implantou no coração do Mangue o prédio que se impôs como símbolo da nova Cidade Nova, embora sua construção parecesse mesmo simbolizar um outro marco na história da cidade. Um marco exatamente para a história que se tentava exorcizar. (SIMÕES *apud* PASINI, 2005a, p. 46)

Os cariocas deram ao CASS o apelido de “Piranhão”, em uma espécie de tentativa de trazer à memória a Zona do Mangue, o centro de prostituição que o Projeto CASS definitivamente destruiu.

3.1.2 – Vila Mimosa I

Com a intensa desapropriação que se deu devido ao projeto de reurbanização da cidade do Rio de Janeiro e à implementação do Projeto CASS, os donos de estabelecimentos, funcionários e prostitutas tiveram que ser transferidos para outro lugar. Grande parte dos negócios da Zona do Mangue acontecia nas ruas Júlio do Carmo, Pereira Franco e Carmo Neto, região onde o CASS se instalou.

“Havia, porém, em um pequeno trecho fronteiro entre a Cidade Nova e o bairro do Estácio, uma travessa com casas, próxima ao sítio reurbanizado e à estação de metrô, onde os bordéis seriam reinstalados, pela última vez naquele bairro, em 1979” (SIMÕES, 2010, p. 32). O ano marca o deslocamento da prostituição que até então acontecia na Zona do Mangue para a agora Vila Mimosa. Este era o nome do bairro onde o negócio instalou-se e, mais tarde, o nome foi dado também à nova zona de prostituição.

Tratava-se de uma vila anteriormente ocupada por famílias. A transferência simbolizava ato de resistência da Zona do Mangue. O bairro do Estácio foi a primeira localização da Vila Mimosa, que consideramos aqui como Vila Mimosa I. Segundo uma reportagem do jornal O Globo¹⁶, publicada em 2012, a zona era formada por 54 casinhas e 13 barracas, e ocupa um terreno de 5.900 metros quadrados na Cidade Nova. A estimativa é de que cerca de 1800 trabalhavam na Vila Mimosa. Dez anos depois, viria a Vila Mimosa II, em um novo endereço.

¹⁶ O GLOBO. Conheça a história da Vila Mimosa, famosa zona de prostituição do Rio. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/conheca-historia-da-vila-mimosa-famosa-zona-de-prostituicao-do-rio-4847162>>. Acesso em: 10 maio 2018.

Em 1987 acontece o I Encontro Nacional de Prostitutas, organizado pela ex-prostituta da Vila Mimosa e uma das principais militantes do direito das prostitutas, Gabriela Leite. Entre os assuntos abordados, a questão da violência sexual, a saúde das mulheres, o resgate da cidadania, entre muitos outros fatores importantes diretamente relacionados à vida e o trabalho das prostitutas.

Meses depois do encontro, um pastor de uma igreja evangélica e dono de um canal de TV localizado ao lado da Vila Mimosa é a primeira figura responsável pela tentativa de pôr fim à Vila Mimosa. Segundo Pasini, o pastor queria expandir seu território e, para isso, precisava da região ocupada pela Vila (PASINI, 2005a).

Além do grupo organizado a partir do I Encontro Nacional de Prostitutas, outros movimentos lutaram contra as investidas na tentativa de acabar com a Vila Mimosa.

Com o apoio de ONGs, artistas e pessoas ligadas às pastorais da Igreja Católica, as prostitutas da Vila organizaram um ato público de repúdio “contra a violência, a especulação imobiliária e a discriminação social”, onde disseram entender que “atos como este não servem senão para discriminar e extinguir não só com as prostitutas, mas também com outras comunidades carentes que lutam pela preservação do seu espaço e a garantia dos seus direitos”. (SIMÕES, 2010, p. 36)

Estes trechos são parte do discurso lido no “O Mangue resiste”, manifestação em prol da antiga zona de prostituição e que também integraram um dossiê organizado pela Associação da Vila Mimosa sobre a situação vivida pelos habitantes da região. Segundo Simões, “o drama chegaria ao fim com um decreto assinado pelo prefeito instituindo a concessão do comodato das casas da Vila Mimosa às suas proprietárias” (SIMÕES, 2010, p. 36).

Não, ainda não era o fim. Entre 1994 e 1995, um novo projeto urbano tiraria a Vila Mimosa de seu lugar. De acordo com Pasini (2005a), o Projeto Teleporto era primordial para as mudanças na cidade e, por isso, removeu de vez a Vila Mimosa da região onde estava localizada.

A partir de então, se iniciaram as buscas por um novo espaço para a Vila. O primeiro espaço comprado pela Associação dos Moradores do Condomínio e Amigos da Vila Mimosa (AMOCAVIM) foi um galpão localizado em Gramacho, na cidade de Duque de Caxias, Baixada Fluminense. Entretanto, este não foi o novo local da Vila. Ainda segundo Pasini (2005a), uma comitiva liderada por três donas de estabelecimentos de prostituição na Vila Mimosa, Cleuza, Graziela e Sônia, foi contra a transferência e decidiu encontrar um local mais adequado.

Muitos argumentos justificavam a discordância em relação à aquisição. Além de malvisto, o local era distante da cidade do Rio de Janeiro e o prefeito de Duque de Caxias não apoiava a

transferência da zona de prostituição para lá. A comitiva foi, então, à procura de um novo espaço. A decisão precisava ser tomada junto aos demais proprietários de estabelecimentos da Vila.

3.1.3 – Vila Mimosa II

Logo depois, em 1996, a Vila mudou de endereço. A Vila Mimosa II surge em 3 de janeiro de 1996, ainda nos arredores da Cidade Nova, mais precisamente à Rua Sotero dos Reis, na Praça da Bandeira. Esta é sua localização até hoje.

De acordo com a reportagem do O Globo citada anteriormente, a Prefeitura do Rio tinha pressa em transferir a Vila e, por isso, direcionou os pertences e móveis das prostitutas para um velho galpão de frigorífico abandonado nesta rua. A matéria conta que a mudança foi motivo de indignação por parte dos moradores da Praça da Bandeira, que chegaram a protestar devido à chegada da zona em sua região.

Não adiantou. Uma vez transferida, a Vila Mimosa não saiu mais deste lugar. Em um primeiro momento, foram montados pequenos cômodos e bares a fim de preparar o lugar para receber os clientes. “No início, apenas doze cabines improvisadas no andar superior do galpão comprado pelas cafetinas, serviam ao trabalho de cerca de seiscentas prostitutas, obrigando a formação de enormes filas em frente de cada porta” (SIMÕES *apud* PASINI, 2005a, p. 49).

Os primeiros meses após a transferência foram caóticos e as dificuldades foram muitas. A instalação ainda não estava pronta para o funcionamento da zona de prostituição. A divisão entre os espaços de cada dono precisou ser improvisada. Móveis e eletrodomésticos faziam a separação.

Neste momento, as agressões morais e físicas sofridas nos confrontos com os moradores são ressaltadas como um marco que, ao ser referido retrospectivamente, ressalta para estes atores uma vitória pelo estabelecimento da Vila Mimosa II, mérito decorrente da ordem, da modernização e da organização do grupo. (SIMÕES *apud* PASINI, 2005a, p. 50)

Muitas prostitutas e donos de casas que participaram desta mudança estão até hoje na Vila Mimosa. A reestruturação de uma zona de prostituição do porte da Vila foi um processo difícil. Segundo Pasini (2005a), as pessoas que fazem parte do conjunto de bordéis ainda sofrem com o medo da destruição, da desapropriação da Vila Mimosa mais uma vez. “[...] para ser e estar na Vila Mimosa é preciso ser forte, ou melhor, valente.” (PASINI, 2005a, p. 50).

3.2 – A Vila

A Vila Mimosa é o centro de prostituição mais famoso do Rio de Janeiro e um dos mais conhecidos no Brasil. A zona funciona há mais de 20 anos na Rua Sotero dos Reis, na Praça da Bandeira. Trata-se de uma rua estreita, com muita circulação de pessoas e sexo vendido a preços baixos.

A divisão da Vila Mimosa é feita por galerias. Em cada uma delas há casas numeradas e diferentes donos, que estão ali para administrar o local e agenciar as prostitutas. A dinâmica é esta: elas utilizam o quarto da casa em questão para receber seus clientes e o pagamento é dividido entre a prostituta e o dono da casa.

Há prostitutas de diferentes idades, inclusive uma senhora idosa. Segundo trabalhadores locais, a única exigência hoje é que sejam somente mulheres cis gênero – transexuais não são permitidas. Ao caminhar pela Vila Mimosa, logo as verá posicionadas em frente à sua respectiva casa ou no interior dos bares, geralmente vestindo apenas roupas íntimas, trajes sensuais ou mesmo nenhuma roupa, em alguns casos. Elas estão como em uma vitrine, sempre preparadas para a chegada de novos clientes.

Na VM, como também costumam chamá-la, 20 minutos é a duração média de um programa. O lugar oferece atendimento rápido sem muito custo. É este o perfil da prostituição da Vila Mimosa: sexo rápido, a preços baixos, para quem busca por prazer imediato sem muito esforço. É o ápice do baixo meretrício no Brasil. Já os quartos são minúsculos, sujos, escuros, abafados e precários. O momento de maior movimentação é a noite, quando o fluxo de circulação na rua aumenta, o som fica mais alto e chegam muitos clientes em busca de prazer.

De acordo a reportagem da Rede TV!¹⁷, a Vila conta com cerca de 70 casas. Mas a economia do lugar não se restringe ao comércio da prostituição. Diversos bares, restaurantes, a venda de lingerie, maquiagens e roupas, além de outras atividades movimentam a economia local.

Um dos meus primeiros estranhamentos ao conhecer a estrutura de funcionamento da Vila Mimosa foi perceber que o negócio da prostituição era apenas um entre tantos outros que ali aconteciam. Ora, sempre achei que uma zona de prostituição teria como único objetivo atender aos consumidores de sexo, mas minha pesquisa de campo demonstrou que a Vila funciona para atender a uma variedade deles: aqueles que desejam comprar bebidas, alimentos, cigarros, drogas, roupas, perfumes, uma infinidade de produtos de consumo. (PASINI, 2005b, p. 204)

¹⁷ REDE TV. Mulheres da "Vila Mimosa (RJ)" revelam práticas sexuais pouco convencionais. Disponível em: <<http://www.redetv.uol.com.br/jornalismo/documentoverdade/videos/ultimos-programas/mulheres-da-vila-mimosa-rj-revelam-praticas-sexuais-pouco-convencionais>>. Acesso em: 1 maio 2018.

Ao pisar na Rua Sotero dos Reis, o estranhamento é quase automático e múltiplas sensações fazem parte da experiência. O lugar é movimentado, com uma grande circulação de pessoas para lá e para cá, transitando entre bares e bordéis. Carros indo e vindo, música em volumes altíssimos, mulheres dançando, homens bebendo. É como uma grande festa popular ao ar livre.

Ainda que hoje a Vila Mimosa continue sendo o ponto de prostituição mais famoso da cidade e a principal referência de zona no Rio de Janeiro, ela não se encontra em seu auge. Meses antes da Copa do Mundo no Brasil, em 2014, um projeto de revitalização da Vila Mimosa foi desenhado, a partir de uma iniciativa da AMOCAVIM (Associação de Moradores do Condomínio e Amigos da Vila Mimosa). A reforma tinha o objetivo de receber os turistas que viriam ao país devido ao evento e, o lucro dessa intensa movimentação, seria revertido em obras para reformar os contornos insalubres da zona.

A Vila Mimosa fica a poucos quilômetros do Estádio do Maracanã e a expectativa do aumento do fluxo de clientes era alta. Imaginava-se que muitos turistas apareceriam na zona, mas não foi o que aconteceu. De acordo com Blanchette et al. no artigo “Sobre Futebol e Pânicos Morais: Prostituição no Rio de Janeiro durante a Copa do Mundo 2014”, a movimentação da Vila durante a Copa do Mundo de 2014 não foi tão expressiva. “O comércio na Vila Mimosa caiu de 30% a 50% no mês da Copa e poucos turistas – e quase nenhum deles estrangeiros – chegaram à Vila” (BLANCHETTE et al., 2014, p. 194).

A Vila Mimosa, hoje, encontra-se em crise. Segundo relatos de trabalhadores locais, o movimento da Vila foi muito reduzido nos últimos anos. A zona encontra-se abandonada. Mesmo com o passar dos anos, a realidade do local ainda é insalubre, como um esgoto a céu aberto, com ratos, drogas e mulheres nuas por toda a parte.

Segundo uma reportagem do Jornal GGN¹⁸, até 2015, a região contava com aproximadamente 150 comerciantes, que movimentavam cerca de um milhão de reais por mês. Estima-se que havia em média 3500 prostitutas, faturando 700 reais por dia cada uma delas. A Vila recebia mais de 4000 visitas diariamente. “Muito além de uma área vulgar de prostituição, a Vila Mimosa se revelou um fenômeno empresarial. Alguém que caminhasse sobre os paralelepípedos da Rua Sotero Reis, onde fica a Vila, encontrava uma atmosfera de festa diuturna, uma orgia perpétua”, informa a matéria.

¹⁸ Jornal GGN. Jornal GGN. A agonia da Vila Mimosa, a herdeira do Mangue. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/noticia/a-agonia-da-vila-mimosa-a-herdeira-do-mangue-por-alexandre-coslei>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

Funcionando durante 24 horas por dia e localizada em um ponto central na cidade do Rio de Janeiro, a Vila Mimosa se consolidou, por décadas, como um negócio que deu certo, um verdadeiro *case* de sucesso. Mas este cenário mudou.

Não se sabe exatamente a razão para o declínio da Vila, mas imagina-se que sejam muitas, e que a crise financeira que assola o Brasil é o gancho central para a diminuição da procura pela prostituição da Vila Mimosa. Segundo a mesma reportagem citada acima, atualmente, o valor médio de um programa na VM é de 70 reais, o que afasta a massa popular de trabalhadores de baixa renda que costumavam frequentar o lugar.

Mas, imagina-se que muitos outros motivos possam ter contribuído para a baixa movimentação dos bordéis e demais estabelecimentos da zona. A violência no Rio de Janeiro é um mal cada vez mais crescente e a Vila Mimosa é localizada próxima à Mangueira, uma das maiores comunidades do Rio. Além disto, a segurança na zona é questionável: ainda segundo a reportagem, é comum ver clientes e prostitutas sendo agredidos ou tiros sendo disparados a esmo.

Somados estes fatores ao estado precário da economia no país como um todo, bem como o alto índice de desemprego, por exemplo, a Vila tem deixado de ser um dos maiores pontos de prostituição no Rio e hoje sofre pelo abandono. Segundo uma matéria do Jornal Extra¹⁹, as meninas da Vila Mimosa enfrentam uma realidade difícil, em que seus clientes foram embora da cidade e agora, elas precisam procurar trabalho em outros lugares. Além disso, uma delas conta que a VM depende dos peões e, que, ao acabarem as obras, a zona foi esvaziada e os programas ficaram mais difíceis.

3.3 – As polacas e as prostitutas da Vila Mimosa

Donos de bares, gerentes, vendedores de todos os tipos de produto, cozinheiras, seguranças, garis, taxistas. São muitos profissionais envolvidos no negócio da Vila Mimosa. Todos imersos neste “lugar imoral e repleto de possibilidades de escolhas erradas” (PASINI, 2005b, p. 199). Há os trabalhadores, os frequentadores e as prostitutas. Elas são apenas uma entre as diversas categorias de profissionais que compõem a Vila.

Há uma lógica de valores que paira os trabalhadores da Vila Mimosa, de acordo com os serviços prestados. A lógica é fundamentada no próprio imaginário destes profissionais e, na

¹⁹ EXTRA. Crise financeira também atinge o mercado da prostituição. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/crise-financeira-tambem-atinge-mercado-da-prostituicao-21567149.htm>>. Acesso em: 7 maio 2018.

hierarquia destes prestadores de serviço, as prostitutas são as que ocupam a posição mais baixa. “Na Vila Mimosa, assim como em outros universos da prostituição estudados, havia uma diferenciação entre as atividades de trabalho que compunham seu cenário: quem desempenha uma ou outra atividade será tratado, falado, olhado de uma ou de outra maneira” (PASINI, 2005b, p. 21).

Apesar de estarem todos envolvidos no comércio do sexo e no funcionamento de um dos pontos de prostituição mais tradicionais do Rio de Janeiro, as prostitutas são as profissionais mais menosprezadas. Elas são desvalorizadas pelos próprios “colegas” de trabalho. Todos colaboram ativamente para o comércio sexual. Apesar disso, as mulheres prostitutas são as que carregam os estigmas pelo trabalho do sexo. Afinal, são estas mulheres que o vendem de forma direta.

Ainda que sejam vistas pelo senso comum como uma figura imoral, a prostituta viveu um paradoxo. Por anos, foi entendida como um “mal necessário” para a manutenção da família e dos bons costumes. Afinal, as mulheres “puras” podem manter-se assim enquanto os homens têm seus desejos satisfeitos pelas mulheres “impuras”, as prostitutas.

Podemos considerar que a prostituição é representada como um “mal necessário”, vista como um trabalho rendoso, que provê as necessidades materiais de subsistência do grupo familiar, mas também como um dispositivo simbólico de transgressão por romper com as referências de contextos sociais de nossa sociedade. (MUNHOZ, Claudia; CANO, Maria Aparecida; SOLER, Zaida Aurora et al., 2009, p. 565)

Um importante grupo de prostitutas que trabalhou na antiga Zona do Mangue foi o das “polacas”. As chamadas “polacas” são as mulheres judias da Europa Ocidental que migraram para as Américas e o Oriente entre os séculos XIX e XX. De acordo com Beatriz Kushnir, em seu artigo “As polacas cariocas: mulheres judias prostitutas e suas associações de ajuda mútua”, a prostituição destas mulheres ao migrarem de seus países tem múltiplas razões.

Antes de tudo, é importante entender que a prostituição entre judias já era uma atividade comum na Europa Ocidental. Ainda segundo a autora, a miséria e a perseguição assolavam os judeus, o que os motivava a decidirem pela migração como ponte para escapar da sua realidade. “Nesta leva vem o judeu trabalhador urbano, mas também vêm todas as pessoas deste grupo étnico que já não possuíam esperanças de trabalho e de uma vida melhor na Europa Ocidental” (KUSHNIR, 1996a, p. 139).

O dote no momento do casamento era mais uma das razões que contribuíram para a migração das mulheres judias às Américas. Para as mais pobres, era inviável ter no casamento uma forma de ascensão econômica. Para “solucionar” este problema, surgem os agenciadores de

matrimônio, com o objetivo de encontrar judeus nas Américas para casarem-se com as mulheres judias.

Quando chegavam às Américas, são inúmeras as histórias que dão conta de tentativas salvacionistas. Segundo estes relatos, membros da comunidade judaica se colocavam nos portos para avisar as moças que tais promessas de casamento poderiam ser falsas e que seus destinos seriam os prostíbulos. (KUSHNIR, 1996a, p. 139)

Segundo Kushnir (1996a, p. 139), havia a crença de que estas mulheres vinham sem certeza do que as esperava. Muitas delas então se entregavam à prostituição. Seu fenótipo – mulheres brancas, loiras e de olhos claros – atraía facilmente os brasileiros. Ao chegarem ao Brasil, muitas destas mulheres passam a integrar o centro de prostituição da Zona do Mangue.

A prostituição na Zona do Mangue foi formada principalmente por mulheres de nacionalidade estrangeira, entre elas mulheres que fugiam da Grande Guerra Mundial, em especial as conhecidas polacas - mulheres judias - que se tornaram famosas donas dos estabelecimentos de prostituição durante muitas décadas. (PASINI, 2005a, p. 44)

Na transição entre a Zona do Mangue e a Vila Mimosa I, muitas polacas que trabalhavam no local saíram de cena. Hoje, as prostitutas da Vila Mimosa são dos mais variados perfis. Muitas têm filhos, namoram ou mesmo são casadas. Há quem nunca tenha contado às suas famílias que são prostitutas. De acordo com documentário sem título²⁰ produzido em 2008 pela Escola de Cinema Darcy Ribeiro, algumas mulheres que se prostituíam na Vila Mimosa desta época haviam estudado, umas inclusive já tinham uma profissão. Outras entraram no universo da prostituição muito jovens, Marisa, uma delas, aos 15 anos de idade, por exemplo.

Uma das prostitutas, conta que no início tinha pudor sobre seu corpo: vestia sempre bermudas para circular pela Sotero Dos Reis, mas aos poucos foi perdendo a vergonha e hoje veste lingerie sem constrangimentos.

Há prostitutas na Vila que são religiosas, seguem uma doutrina. Há aquelas que não usam drogas ou bebem. Outras ainda precisam de remédio controlado para sobreviver à Vila Mimosa, como é o caso de Cássia, uma das donas de casa de prostituição local, que faz uso de 555 miligramas de tarja preta para suportar a rotina diária na Vila.

²⁰ Vila Mimosa documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wU06m_IGeew>. Acesso em: 1 maio 2018.

Marisa, uma das prostitutas entrevistadas, considera a antiga Vila Mimosa muito melhor do que a atual. Ela conta que conseguiu comprar uma casa própria com o dinheiro recebido através dos programas.

Ainda segundo o documentário, em 2008, o valor praticado em programas da Vila Mimosa era padronizado e custava R\$ 27, sendo R\$ 20 para a prostituta e R\$ 7 para o pagamento do quarto. As mulheres contam que alguns dos clientes pagam pelo programa e não têm relações sexuais com elas. Apenas sobem até os quartos e conversam até o programa acabar. “A cabeça do ser humano é muito estranha”, diz Cássia.

Segundo reportagem da Rede TV!²¹ ao ar em novembro de 2016, mais de cinco mil pessoas passam pela Vila Mimosa aos fins de semana. A matéria contabilizou mais de 70 casas na zona, algumas monitoradas por câmeras e funcionando durante 24 horas por dia. Os bares são usados como vitrines para as prostitutas. Os quartos são minúsculos, com camas de solteiro, destinados a programas rápidos, com duração entre 20 e 30 minutos. Os banheiros são compartilhados. Não há luxo na Vila Mimosa.

O documentário confirma que há diversos perfis de mulheres na Vila. As prostitutas não moram lá, têm suas próprias residências. Há aquelas que trabalham há muitos anos na Vila Mimosa, como é o caso de Cássia, que já somava mais de 18 anos na zona até a data desta entrevista. Uma outra conta que tem um filho de dois anos de idade e não deseja que o menino cresça e se depare com a mãe trabalhando como prostituta.

Uma prostituta entrevistada diz “beijar o chão da Vila Mimosa”, pois foi o grande alicerce para que ela conseguisse encontrar uma forma de sustentar a sua casa. Outra delas conta que escolheu a Vila em detrimento de outros pontos de prostituição, como as ruas de Copacabana, porque nestes outros ambientes a competição é maior.

Em 2016, o valor do programa na VM passa a ser de, em média, R\$ 70, dependendo do pedido do cliente. As mulheres chegam a atender até 20 homens por noite. Elas não restringem o perfil - trabalham com homens de qualquer idade. Há quem tenha clientes fixos e chegam até mesmo a engatar em “relacionamentos” com eles. “Pesquisas etnográficas anteriores, realizadas em diferentes contextos de prostituição feminina, e a literatura especializada sobre o tema revelam a importância dos clientes como parte constitutiva do universo da prostituição, apesar disso, estes sujeitos são pouco conhecidos” (PASINI, 2005b, p. 211).

²¹ REDE TV. Mulheres da "Vila Mimosa (RJ)" revelam práticas sexuais pouco convencionais. Disponível em: <<http://www.redeTV.uol.com.br/jornalismo/documentoverdade/videos/ultimos-programas/mulheres-da-vila-mimosa-rj-revelam-praticas-sexuais-pouco-convencionais>>. Acesso em: 1 maio 2018.

Mas o cotidiano das prostitutas da Vila Mimosa é, muitas vezes, arriscado, perigoso e violento. “Quem pensa que prostituição é fácil, não é fácil não”, diz uma das entrevistadas. Elas estão vulneráveis o tempo todo, sem saber que tipo de cliente estão atendendo, com que homens estão lidando.

Daniele, profissional da Vila Mimosa que trabalha em um dos bares da zona, conta que já ouviu as mais diversas histórias sobre as prostitutas do local.²² Há mulheres que engravidam de clientes e precisam abortar, há muitas que contraem doenças sexualmente transmissíveis, as que geram filhos de clientes e os criam sem a figura de um pai. Há também mulheres que são violentadas e até mesmo assassinadas pelos clientes da Vila Mimosa.

Por lá, passam desde homens jovens até os mais velhos, que se sentem no direito de assediar também as vendedoras locais, como é o caso de Daniele. Alguns inclusive já sugeriram que ela se prostituísse por uma noite.

A vendedora afirma que o cenário da Vila mudou muito desde quando ela chegou, em 2010. Para ela, já não atrai mais tantos clientes como antes. Daniele conta que, na época, fizesse sol ou chuva, fosse início ou fim de mês, a Rua Sotero dos Reis lotava de tal forma que era difícil caminhar por ela, o que já não acontece mais. A crise e a violência inibiram a clientela.

²² Entrevista realizada pela autora deste trabalho em dezembro de 2016.

4 – Prostituição nas telenovelas

A prostituição é escravidão ou liberdade? As mulheres que fazem parte do mercado sexual optaram por este trabalho por escolha própria ou por falta de opções? Neste capítulo, a discussão se atém ao campo da comunicação, mais precisamente das telenovelas, principal produto da televisão brasileira. O capítulo procura retratar como a prostituição e o sexo passaram a integrar as novelas no Brasil e como as profissionais do sexo são retratadas neste produto que entra na casa de grande parte dos brasileiros há décadas.

No capítulo, serão analisadas duas tramas – em cada uma delas, um tipo de prostituição e um perfil de prostituta. De um lado, “Verdades Secretas” (Rede Globo, 2015) e sua protagonista, a garota de programa de luxo Angel (Camila Queiroz). Na série, que foi ao ar na faixa das 23h, o retrato *glamourizado* da prostituição.

No outro extremo, “Paraíso Tropical” (Rede Globo, 2007) e a prostituta do calçadão de Copacabana, Bebel (Camila Pitanga). A garota começou a vida trabalhando em boates e, mais tarde, nas ruas do bairro carioca. Mas tudo o que mais desejava era poder atender homens da alta sociedade, até que consegue. Nesta novela, a emissora traz uma visão mais bem-humorada sobre a profissão e a Cinderela do sexo se torna uma das mais queridas da trama.

4.1 – A influência da televisão e da telenovela

Os meios de comunicação de massa têm a capacidade de exercer influência sobre as audiências e contribuir para a construção de sentidos sobre o mundo, as relações sociais e os indivíduos. A televisão e o rádio, por exemplo, estão o tempo todo disparando mensagens aos seus receptores, que por sua vez, passam a criar significados sobre os acontecimentos a partir destes meios.

Segundo Stuart Hall, no livro “Da diáspora: Identidades e mediações culturais”, a audiência, simultaneamente, é “fonte” e “receptor” da mensagem televisiva (HALL, 2003). Isto quer dizer que os indivíduos são receptores quando são atingidos pela mensagem e fonte ao reproduzirem as informações que recebem. Para o autor, “os acontecimentos só podem ser significados [*be signified*] dentro das formas visuais e auditivas do discurso televisivo” (HALL, 2003, p. 388).

Hall ainda traz a ideia de que há certos códigos que, por serem amplamente reproduzidos numa cultura parecem “naturalizados”, quando na verdade são construídos, muito por influência dos produtos midiáticos. “Nesse sentido, simples signos visuais parecem ter alcançado uma “quase-

universalidade”, embora permaneçam evidências de que até mesmo códigos visuais aparentemente “naturais” sejam específicos de uma dada cultura” (HALL, 2003, p. 393).

Mesmo com a internet e a cada vez maior adoção de hábitos de consumo digital, a televisão continua sendo o principal meio de comunicação para grande parte dos brasileiros. Ela penetra por quase todo território nacional e dissemina uma variedade de conteúdo, informações, imagens e narrativas. Em 1991, atingia 71% dos domicílios no Brasil e tinha uma audiência estimada em 98,7 milhões de telespectadores (HAMBURGER, 1998, p. 448). 25 anos mais tarde, em 2016, apenas 2,8% de domicílios particulares permanentes no Brasil não têm televisão, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O estudo contabilizou 69,3 milhões de residências no Brasil com, pelo menos, um televisor.²³

De acordo com dados da Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 - Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira²⁴, 63% do país prefere a televisão como meio de comunicação para se informar. Para além da informação, a TV é uma das grandes responsáveis por levar entretenimento para os lares brasileiros. Ainda segundo a PBM, em 2015, 67% das pessoas que assistiam TV faziam para se divertir ou como forma de entretenimento.²⁵

Com início nos anos 50, as novelas surgiram no Brasil a partir dos folhetins e atualmente dominam o horário nobre da TV. Ela se tornou uma das grandes responsáveis pela proliferação de ideias, padrões e estereótipos na sociedade. “Os modelos de homem e mulher, de namoro e casamento, de organização familiar, divulgados pela novela e sucessivamente atualizados, amplificam para todo o território nacional as angústias privadas das famílias de classe média urbana do Rio de Janeiro e de São Paulo” (HAMBURGER, 1998, p. 443).

A televisão, por meio das telenovelas, seu gênero mais lucrativo, tanto procura reproduzir retratos do cotidiano quanto traz à tona temas importantes para o debate na sociedade. “A novela dá visibilidade a certos assuntos, comportamentos, produtos e não a outros” (HAMBURGER, 1998, p. 443). A autora ainda afirma que elas fizeram popularizar debates públicos e colaborar com o tom dado nas discussões sobre estes assuntos.

²³ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Anual/Acesso_Internet_Televisao_e_Posse_Telefone_Movel_2016/Analise_dos_Resultados.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2018.

²⁴ Pesquisa Brasileira de Mídia 2016. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/@download/file/Pesquisa%20Brasileira%20de%20M%C3%ADdia%20-%20PBM%202016.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2018.

²⁵ Pesquisa Brasileira de Mídia 2015. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2018.

As telenovelas se consolidaram como principal produto midiático e passaram a construir uma linguagem e modo de produção que considera a participação da audiência enquanto estão sendo produzidas. Por isso, são definidas como “obras abertas”. “Elas são capazes de “sintonizar” telespectadores com a interpretação e reinterpretação da política, assim como de tipos ideais de homem, mulher, marido, esposa e família. A novela se tornou um dos veículos que capta e expressa padrões legítimos e ilegítimos de comportamento” (HAMBURGER, 1998, p. 468).

Segundo Hamburger, a partir do final dos anos 60, as novelas da Rede Globo passaram a abandonar o estilo “fantasioso” que direcionava as produções até então e passam a apresentar uma alternativa “realista”. Esse era o modelo já adotado pela Tupi na época. Desde então, as novelas vêm trazendo referências a acontecimentos e temáticas sociais ou políticas, de forma a reforçar seu posicionamento crítico. (HAMBURGER, 1998, p. 463).

Por ser um conteúdo diário, com uma trama bem definida, histórias do dia-a-dia e personagens que provocam identificação com o público, as telenovelas ganharam espaço não só no coração, mas no dia a dia dos brasileiros. Criou-se o hábito de consumir este tipo de produto diariamente.

Para Silvio de Abreu, autor de novelas desde a década de 70, ainda hoje é possível dizer que a telenovela é o principal pilar de entretenimento da TV aberta brasileira. “Mais do que entretenimento, as novelas discutem valores, comportamentos, a contemporaneidade e questões sociais, entre outros, com um conteúdo relevante e de qualidade que acompanha a evolução da sociedade” (MEIO & MENSAGEM, 2016)²⁶. Silvio se refere à telenovela como “elemento de integração nacional”.

Segundo dados de audiência da Gfk publicados pelo colunista Ricardo Feltrin, no UOL²⁷, 62 milhões de brasileiros assistiram, em algum momento, por pelo menos um minuto, um capítulo de telenovela exibido na TV em setembro de 2016. A pesquisa ainda afirma que, no mesmo período, o gênero novela foi o conteúdo visto por pelo menos 88% do total de telespectadores e que 38% do público das telenovelas é formado por homens.

“[...] A novela passou a ser um dos mais importantes e amplos espaços de problematização do Brasil” (HAMBURGER, 1998, p. 468). Assuntos polêmicos como adultério, religião,

²⁶ MEIO E MENSAGEM. “Há lugar para séries e novelas”. Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2016/11/30/ha-lugar-e-fas-tanto-para-series-quanto-para-novelas.html>>. Acesso em: 1 jun. 2018.

²⁷ UOL. 62 milhões viram novelas em setembro, diz GfK; 39% eram homens. Disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/ooops/2016/11/11/62-milhoes-viram-novelas-em-setembro-diz-gfk-39-eram-homens.htm>>. Acesso em: 1 jun. 2018.

homossexualidade, estupro e prostituição são retratados na TV através das telenovelas. Percepções sobre estas questões muitas vezes são criadas a partir deste retrato, além de, claro, muitos outros *players* no campo da comunicação e outros fatores de influência social.

Aqui, serão apresentados retratos da prostituição em telenovelas e séries. Duas produções serão destacadas: uma novela (*Paraíso Tropical*) e uma minissérie (*Verdades Secretas*), ambas exibidas pela Rede Globo. Antes de seguir, é importante ressaltar que há diferenças entre estes dois produtos. Entre as principais, estão a duração da trama, em quantidade de capítulos, e o horário de exibição. De um modo geral, as séries são exibidas na televisão na faixa das 22 horas ou após.

A pesquisadora Renata Pallottini no artigo “Minissérie ou telenovela” discute a distinção entre as duas estruturas: “Inicialmente, é forçoso pensar em termos de extensão; a telenovela tem sido, de maneira flagrante, e pelo menos no Brasil dos últimos vinte anos, uma produção tele ficcional alongada, de mais de cem e menos de duzentos capítulos, situando-se, ultimamente, na faixa de 180” (PALLOTTINI, 1996, p. 71).

Pallottini ainda levanta a necessidade da telenovela de ter uma trama central forte e suficiente para dar suporte às tramas secundárias (PALLOTTINI, 1996). A autora resalta que, no caso da série, seu texto já está escrito e não sofre influências da audiência.

E, por conseqüência, esta obra não tem e não pretende ter uma das características fundamentais da telenovela padrão brasileira: a de ser uma obra em aberto, escrita enquanto vai ao ar, sujeita a sofrer todas as modificações que a circunstância, os acontecimentos do dia, o sucesso e o insucesso, o êxito de audiência e outros detalhes mais podem lhe impor. (PALLOTTINI, 1996, p. 73)

A televisão chegou ao Brasil em 1950, fundada por Assis Chateaubriand, que criou o primeiro canal de TV do país, a TV Tupi. A primeira telenovela exibida no Brasil foi “Sua Vida Me Pertence”, no mesmo canal, em 1957, que na época, chamou a atenção por uma cena de beijo ardente. Desde então, as novelas vêm ganhando a cada dia novos enredos e abordando assuntos relacionados à vida em sociedade, que muitas vezes geram polêmicas entre os telespectadores. A partir de 1970, elas passaram a apresentar não apenas cenas de beijos, mas a intimidade, os quartos dos casais, momentos na cama, entre outras situações do âmbito privado com cada vez menos pudor.

Lopes afirma que é possível perceber uma evolução na forma como sentimentos, amor e a relação entre homem e mulher são representados nas novelas a partir dos anos 70. “Essa opção por uma definição clara no tempo e no espaço - quase sempre a conjuntura contemporânea situada no

âmbito da nação - potencializa a vocação da novela de mimetizar e de constantemente renovar as imagens do cotidiano de um Brasil que se “moderniza” (LOPES, 2002, p. 10).

A pesquisadora Esther Hamburger afirma que no seriado *Malu Mulher* o orgasmo é representado pela primeira vez na TV através da imagem de uma mão fechada que se abre como em um espasmo. Mais tarde, em “*Pai Herói*” (Rede Globo, 1979), a mesma representação da mão que abre e sugere um orgasmo é reproduzida novamente. (HAMBURGER, 1998)

Aos poucos, as novelas caminhavam rumo à exposição da intimidade e, principalmente, da nudez, assunto que ainda movimentava debates públicos. No ano passado, por exemplo, uma performance artística de um homem nu no Museu de Arte Moderna (MAM) em São Paulo causou grande repercussão nas redes sociais e dividiu opiniões²⁸. Por dias, a instituição foi questionada devido à exposição da nudez em um ambiente público e com a presença de crianças.

Nas telenovelas não é diferente. Ainda segundo Esther Hamburger, no final da década de 80 e início da década de 90, a Rede Globo adotou o posicionamento da extinta TV Manchete e passou a exibir imagens de nudez em suas telenovelas (HAMBURGER, 1998, p. 473). Desde sempre, essas cenas têm despertado a atenção dos telespectadores. Em 1996 ia ao ar “*Xica da Silva*” na TV Manchete. Na novela, a atriz Taís Araújo, até então menor de idade, interpretou diversas cenas de nudez, tanto em contextos nada sexuais quanto propriamente de sexo.

No ano seguinte, em “*O Astro*” (1997), novela exibida na faixa das oito na Rede Globo, o ator Tony Ramos também protagonizou uma cena de nudez. O contexto era uma discussão com seu pai. O personagem de Tony tirou toda a roupa como forma de protesto ao capitalismo. Mais tarde, em 2000, a Rede Globo transmitiu a novela “*Uga Uga*”, em que o personagem principal havia sido criado como índio e, por isso, estava sempre seminud e vestindo tangas mínimas. Nesta novela, a nudez não era abordada sob o viés sexual, mas a maioria das cenas tinha contexto cômico.

Cenas de nudez e sexo nas telenovelas ainda causam *frisson* nos telespectadores. Na série “*Nada Será como Antes*” (Rede Globo, 2016), uma cena de sexo entre Beatriz (Bruna Marquezine) e Otaviano (Daniel de Oliveira) foi alvo de comentários, porque os seios da atriz foram exibidos.

Há uma característica comum em cenas de nudez em novelas e séries de televisão. Nelas, é devido à exposição dos corpos femininos que as sequências geram repercussão entre os telespectadores. Isto porque é frequente que os corpos das mulheres sejam encarados de forma sexualizada e, muitas vezes, objetificada.

²⁸ G1. Interação de criança com artista nu em museu de São Paulo gera polêmica. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/interacao-de-crianca-com-artista-nu-em-museu-de-sp-gera-polemica.ghtml>>. Acesso em: 5 jun. 2018.

O processo de constituição de corpos erotizados fazia-se, possivelmente, não apenas em relação à imagem da atriz, mas em relação ao público feminino, que se identificava com suas histórias e com seus corpos (ou ainda, que desejava tê-los). Assim se processava também em relação ao público masculino, que as identificava, por meio de suas formas exibidas nas cenas de novela ou nos ensaios de revistas masculinas, como alvo de um modelo de mulher desejável. (KLANOVICZ, 2010, p. 155)

4.2 – Retrato da prostituição em telenovelas e séries brasileiras

Muitas telenovelas e séries vêm expondo a temática da prostituição ao longo dos anos. Na primeira versão da novela “Gabriela”, adaptação do romance de Jorge Amado, exibida em 1975 pela Rede Globo, as prostitutas do cabaré Bataclan Zarolha, interpretada pela atriz Dina Sfat, e Aurora, vivida por Natália do Valle, marcavam presença na televisão brasileira.

Nos anos 80, Efigênia, personagem de Regina Dourado, e Maria Igarapé, interpretada por Leina Krespi, de “Roque Santeiro” (Rede Globo, 1985-1986), além de Lu (Bruna Lombardi) de “Memórias de um Gigolô” (1986), Marli (Joana Fomm) de “O Pagador de Promessas” (1988) e Leonora (Lídia Brondi) de “Tieta” (1989-1990) chegavam às novelas.

Na década de 90, cresce o número de personagens prostitutas em telenovelas brasileiras. Depois da personagem Ana Maria (Luma de Oliveira) de “Meu Bem Meu Mal” (1990-1991), Malu Mader e Letícia Sabatella também interpretaram garotas de programa. Em “O Dono do Mundo” (1991), viveram Márcia e Taís, respectivamente. As atrizes voltaram a fazer papéis de prostitutas em outras novelas: enquanto Malu foi Paula Lee em “Labirinto” (1998) e Ester Dellamare em “Força de um Desejo” (1999-2000), Letícia fez Salete em “Agosto” (1993), Celeste em “Torre de Babel” (1998) e Arlete em “Porto dos Milagres” (2001).

Ainda nos anos 90, as seguintes prostitutas tiveram mais espaço em novelas e séries brasileiras: Lola (Tânia Alves), Alva (Lília Cabral) e Nair (Paula Burlamaqui) em “Pedra Sobre Pedra” (1992), Tereza Batista (Patrícia França) em “Tereza Batista” (1992), Erotildes (Marília Pêra) e Rosinha (Betty Faria) em “Incidente em Antares” (1994), Quitéria Quarta-Feira (Vera Holtz) em “A Próxima Vítima” (1995), Marita (Luciana Vendraminni) em “O Rei do Gado” (1996), Grampola (Karla Muga) e Dinorá (Carla Marins) em “A Indomada” (1997), Hilda Furacão (Ana Paula Arósio) e Maria Tomba-Homem (Rosi Campos) em “Hilda Furacão” (1998).

A partir dos anos 2000, é a vez de Justine (Gabriela Duarte) em “Esperança” (2002), Nazaré Tedesco (Renata Sorrah) e Djenane (Elizângela) em “Senhora do Destino” (2004-2005), Lúcia (Carla Regina) em “Essas Mulheres” (2005), Taís (Maria Flor) em “Belíssima” (2005-2006), Maria

do Céu (Deborah Secco), Manu (Emanuelle Araújo) e Sharon (Giovanna Ewbank) em “A Favorita” (2008). Entre as mais emblemáticas neste período destacam-se a garota de programa Capitu (Giovanna Antonelli) em “Laços de Família” (2000) e a prostituta Bebel (Camila Pitanga) em “Paraíso Tropical” (2007).

Mais recentemente, chegaram à TV as prostitutas do Bataclan na segunda adaptação de “Gabriela” para a televisão, em 2012. No cabaré, trabalhavam Lindalva (Giovanna Lancelotti), Zanolha (Leona Cavalli), Teodora (Emanuelle Araújo), Natasha (Nathália Rodrigues) e Mara (Suyane Moreira). No mesmo ano, “Salve Jorge” conta a história de garotas brasileiras traficadas à Turquia para trabalharem como prostitutas: Morena (Nanda Costa), Jéssica (Carolina Dieckmann), Rosângela (Paloma Bernardi) e Waleska (Laryssa Dias).

Outras profissionais do sexo tiveram espaço na TV: Vera (Alinne Moraes), na minissérie “Amor em Quatro Atos” (2011), Alice (Sophie Charlotte) em “Babilônia” (2015), Danny Bond (Paolla Oliveira) em “Felizes Para Sempre?” (2015), Lucia McCartney (Antonia Moraes) em série de mesmo nome exibida no GNT em 2016 e a ex-prostituta Luciane (Grazi Massafera) em “A Lei do Amor” (2016).

Vale mencionar “O Negócio”, série da HBO, exibida a partir de 2013, que fez sucesso ao trazer as histórias de quatro garotas de programa de luxo que decidiram aplicar técnicas de marketing e negócios em sua profissão. O resultado foi a criação da empresa “Oceano Azul”. A série ganhou quatro temporadas e foi grande destaque na produção de conteúdo original da HBO Latin America. A última temporada estreou no dia 18 de março de 2018 simultaneamente em mais de 50 países²⁹.

Já a série “Verdades Secretas” (Rede Globo, 2015) apresentou as prostitutas de luxo Angel (Camila Queiroz), Larissa (Grazi Massafera), Giovanna (Agatha Moreira), Stephanie (Yasmin Brunet) e Mayra (Rhaísa Batista). Em “O Outro Lado do Paraíso” (Rede Globo, 2017), novela exibida na faixa das 21h, passaram pelo bordel Love Chic: Leandra (Mayana Neiva), Maíra (Juliane Araújo), Desirée (Priscila Assum), Karina (Malu Rodrigues), Vanessa (Fernanda Nizzato) e Sheila (Mariana Mendonça), além de Melissa (Gabriela Mustafá) e Cleo (Giovana Cordeiro), que chegaram à casa de prostituição após uma decepção amorosa.

A atual novela exibida no horário nobre na Rede Globo, “O Segundo Sol”, também aborda a temática da prostituição, desta vez, na cena noturna de Salvador. Garotas e garotos de programa

²⁹ TELA VIVA. Última temporada de “O Negócio” estreia em mais de 50 países e amplia visibilidade de séries brasileiras no exterior. Disponível em: <<http://telaviva.com.br/12/03/2018/ultima-temporada-de-o-negocio-estrela-em-mais-de-50-paises-e-amplia-visibilidade-de-series-brasileiras-no-exterior/>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

como Rosa (Letícia Colin), Ícaro (Chay Suede) e Robinho (Hugo Moura) fazem parte da trama de João Emanuel Carneiro. Mesmo antes da estreia, muitas publicações na imprensa já informavam que a telenovela abordaria a temática. As matérias despertaram a curiosidade do público antes mesmo de a novela ir ao ar.

4.2.1 – Prostitutas emblemáticas da TV

Muitas produções trouxeram e ainda trazem histórias de prostitutas. Elas são taxadas, muitas vezes, como mulheres transgressoras, já que vão contra tudo o que é “esperado” de uma mulher na sociedade machista. Uma das razões é que, no passado, sexo costumava ser relacionado à gravidez ou casamento. Com o passar dos anos, porém, esta visão foi perdendo espaço. “As novelas passam a difundir uma dissociação entre sexo e procriação, algumas vezes mencionando o uso da pílula anticoncepcional e mais recentemente a camisinha” (HAMBURGER, 1998, p. 474).

Nas novelas e séries brasileiras, as prostitutas não necessariamente são retratadas sob um viés negativo. Ao contrário, as produções apresentam mulheres com diferentes histórias de vida, motivações e classes.

A pesquisadora Letícia Henrique Duarte, em sua monografia intitulada “Prostituição: A Representação na Telenovela - Um Olhar sobre Capitu em Laços de Família”, aborda a temática e afirma que até a década de 80, as profissionais do sexo ainda não tinham tanta relevância nas telenovelas e que a prostituição ainda não era pautada a partir de uma crítica social. “É na década de 1990 que as novelas passam a tratar os temas polêmicos a partir de um viés mais social, dessa forma, algumas prostitutas começam a se destacar na trama” (DUARTE, 2008, p. 30).

Entre prostitutas “de calçada” e garotas de programa de luxo, as telenovelas brasileiras expõem diferentes formas de trabalho das profissionais do sexo. Algumas personagens foram aclamadas pelo público, como foi o caso de Capitu. A personagem vivida por Giovanna Antonelli em “Laços de Família” (Rede Globo, 2000) era universitária e trabalhava como garota de programa para sustentar seus pais e filho. Ela escondia esse segredo da sua família. A história de Capitu sensibilizou os telespectadores e ainda é lembrada.

A prostituta das ruas de Copacabana, Bebel, interpretada por Camila Pitanga em “Paraíso Tropical” (Rede Globo, 2007), também conquistou o público. Segundo Duarte, a personagem conseguiu, graças à reação positiva dos telespectadores, cada vez mais destaque na trama e fez com que o debate sobre a prostituição viesse novamente à tona (DUARTE, 2008, p. 30).

O tráfico internacional de mulheres para a prostituição foi destaque na novela “Salve Jorge” (Rede Globo, 2012). A trama foi protagonizada por Morena (Nanda Costa), moradora do Complexo do Alemão, que recebe uma proposta de emprego para trabalhar em Istambul, Turquia e, chegando lá, descobre que foi enganada e é obrigada a se prostituir em uma boate, assim como Jéssica (Carolina Dieckmann), Rosângela (Paloma Bernardi) e Waleska (Laryssa Dias), brasileiras que também foram ludibriadas.

Mais tarde, em 2015, ia ao ar na Rede Globo a minissérie “Feliz Para Sempre?”. Uma cena em que a garota de programa de luxo Danny Bond, vivida pela atriz Paolla Oliveira, aparecia vestindo apenas lingerie, de costas e foi a mais comentada da trama, inclusive por quem não acompanhava a história. A icônica sequência causou intenso burburinho nas redes sociais, já que era a primeira vez em que a atriz mostrava o corpo na televisão.

A série de Walcyr Carrasco, “Verdades Secretas” (Rede Globo, 2016), mais uma vez expôs a prostituição de luxo e contou a história de Arlete/Angel, uma adolescente do interior de São Paulo que sonhava em ser modelo. Ela é descoberta por uma agência, mas chegando lá é surpreendida ao saber que a instituição trabalha com o “book rosa”, ficha de profissionais que concordam em fazer programas de luxo para receber remuneração extra.

Na novela, muitas cenas de sexo e nudez despertaram a atenção do público e da imprensa. Entre as mais picantes, a do primeiro programa de Giovanna, interpretada por Agatha Moreira. A modelo e prostituta de luxo é contratada para uma despedida de solteiro em um motel, onde tem relações sexuais com três clientes ao mesmo tempo. A orgia na televisão chocou os telespectadores.

4.2.2 – Casas de prostituição

Entre as casas de prostituição da televisão, estão o famoso Bataclan em “Gabriela” (1975 e 2012), além do Palácio de Cristal em “Memórias de um Gigolô” (1986), a Rua da Lama e a Sexus em “Roque Santeiro” (1985-1986), a Casa da Luz Vermelha em “Tieta” (1989-1990), Grêmio Recreativo Resplendorino em “Pedra Sobre Pedra” (1992), Casa de Campo, de propriedade de Zenilda (Renata Sorrah) em “A Indomada” (1997) e o Maravilhoso Hotel em “Hilda Furacão” (1998). Anos depois, vieram o Centro Noturno de Diversão, comandado por Rosa Palmeirão (Luiza Thomé) em “Porto dos Milagres” (2001), o bordel comandado por Justine em “Esperança” (2002-2003) e de Cislene (Elizângela) em “A Favorita” (2008). Mais recente, o Love Chic ganhou espaço em “O Outro Lado do Paraíso” (2017).

A primeira versão da novela “Gabriela” (Rede Globo, 1975) trouxe para as telas, pela primeira vez, o cotidiano de um bordel, com o cabaré Bataclan, que reunia prostitutas de luxo. A protagonista da trama é Gabriela, uma mulher de espírito livre interpretada por Sônia Braga em 1975 e, na segunda versão, por Juliana Paes, em 2012.

Gabriela é sinônimo de liberdade em todos os sentidos. É totalmente despedida de amarras e tem um jeito de ser muito diferente das pessoas da sua época. O romance é ambientado nos anos 20, em Ilhéus, Bahia. A protagonista chega na cidade à procura de trabalho e encontra Nacib, que aceita Gabriela como sua cozinheira. Pouco tempo depois, se apaixonam e chegam a casar. Gabriela se sente limitada e infeliz e, apesar de nunca ter sido prostituta, procura o Bataclan, quando o marido a expulsa de casa depois de descobrir que ela se relaciona com um cliente.

Na mais recente adaptação do romance de Jorge Amado, exibida em 2012, Juliana Paes aparecia completamente nua em diversas cenas, despertando comentários dos telespectadores. Neste mesmo ano, foi eleita a mulher mais sexy do mundo pela Revista VIP. É importante frisar que nesta versão de “Gabriela”, não somente a protagonista, como as mulheres do Bataclan aparecem nuas em longas cenas, ao contrário da primeira versão da novela. Na mais antiga, a protagonista foi interpretada pela atriz Sônia Braga e não apareceu nua em nenhuma cena da novela. Tudo era subentendido e a sensualidade da personagem não era representada pela nudez.

Mas Juliana Paes não foi a primeira atriz a se tornar símbolo sexual a partir de uma personagem em telenovela. Sônia Braga e Cristiana Oliveira receberam o mesmo “título” após atuação na versão para os cinemas de “Gabriela” (Rede Globo, 1975) e em “Pantanal” (Rede Manchete, 1990), respectivamente. Enquanto Juliana Paes estampou a capa da Revista VIP, Sônia Braga e Cristiana Oliveira ganharam seis e duas páginas, nesta ordem, na Revista Veja. As longas reportagens exaltavam as atrizes como musas nacionais a partir de suas personagens sensuais. Segundo Luciana Klanovicz no artigo “De Gabriela a Juma – imagens eróticas femininas nas telenovelas brasileiras”:

Ocorre, dessa forma, a erotização de personagens que representam mulheres específicas, algumas com maior ou menor incidência, que vivem algum tipo de liberdade, sexual ou social, mas que são, de certa forma, contraditórias, pois, ao expressar sua livre sexualidade, são aprisionadas pelo olhar masculino em estereótipos que as marginalizam, cristalizando-as como se fossem (no sentido do ser, de identidade) apenas corpos. (KLANOVICZ, 2010, p. 154)

No entanto, embora Gabriela tenha passado um tempo no Bataclan, nem ela, nem Juma assumiram papéis de prostituta.

4.3 – Verdades Secretas: Angel

A telenovela *Verdades Secretas* (Rede Globo, 2015) foi uma obra de Walcyr Carrasco exibida na faixa das 11h da noite. A produção contou a história de Arlete, personagem interpretada por Camila Queiroz, uma jovem de 16 anos, nascida e criada no interior de São Paulo.

A menina e sua mãe se mudam para a capital e Arlete vê então a oportunidade de ir atrás de seu grande sonho: ser modelo. É quando é descoberta pela agência de Fanny (Marieta Severo), que a contrata para modelar. Em meio a desfiles e catálogos, Arlete descobre que a instituição trabalha com o “book rosa”.

Arlete, que ganha o nome artístico Angel, passa por dificuldades financeiras na família e, por isso, depois de muito choque e indecisão, decide se inserir no “book rosa”. Entre seus primeiros clientes, homens poderosos que poderiam alavancar sua carreira de modelo, conforme aconselha Fanny. Em toda a sua abordagem com Angel, a cafetina sempre promete mudar a vida da jovem. Em seus discursos, costuma repetir que está ali para ajudá-la, torná-la uma grande modelo e ajudar a resolver os problemas financeiros da sua família.

Fanny vê em Angel uma grande chance de ter em seu portfólio uma menina jovem, com aparência de inocente, perfil muito solicitado por seus clientes do “book rosa”. No dia de seu ensaio de fotos para registro na agência, Angel recebe a visita da cafetina, que diz o que quer para a aparência de Angel nas fotografias:

“Eu não vou transformar ninguém. [...] Quero manter essa aparência adorável de Garota da Casa ao Lado. [...] E a maquiagem leve, bem leve, tá? Maquiagenzinha leve, basezinha, iluminador nas maçãs, né? Frescor de menina com um toquezinho de ninfeta” (VERDADES SECRETAS, 2015, episódio 2)³⁰

Esse é um dos primeiros problemas da trama. Angel tem apenas 16 anos quando começa a fazer programas de luxo, mas a questão da pedofilia não é colocada. Muito pelo contrário, é romantizada. Alex (Rodrigo Lombardi), um rico e belo empresário, é um dos seus clientes e sempre “pede” o mesmo tipo de garota: as menores. A diferença de idade entre a modelo e Alex é grande, a mesma entre ele e sua filha, colega de escola de Angel. Isto, porém, não impede que o empresário fique completamente obcecado pela jovem – ou apaixonado, como ele chama. Ele passa então a fazer tudo para tê-la. Com isso, a novela levanta o debate sobre a sexualização de meninas menores de idade, muitas vezes alvo das fantasias masculinas.

³⁰ GLOBOPLAY. *Verdades Secretas*. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4241788/programa/?s=15m06s>>. Acesso em: 18 maio 2018.

Para a pesquisadora Jane Felipe em seu artigo “Afiml, quem é mesmo pedófilo?”, não só nas telenovelas, mas também em produtos midiáticos, como na publicidade e em programas humorísticos, além de músicas, filmes e afins, “os corpos infanto-juvenis são acionados de forma extremamente sedutora. São corpos desejáveis que misturam em suas expressões gestos, roupas e falas, modos de ser e de se comportar bastante erotizados” (FELIPE, 2006, p. 216). A autora afirma ainda que:

As propagandas, tanto impressas quanto as veiculadas na TV, se utilizam fartamente do recurso de exibição dos corpos femininos com forte apelo erótico. Propagandas de cervejas, de carros, de calçados, dentre tantas outras, remetem a idéia de um corpo para o consumo, que pode ser acionado para o deleite de fantasias sexuais, especialmente as masculinas. (FELIPE, 2006, p. 216)

As garotas de programa são vistas como meros produtos para muitos clientes, já que eles detêm do poder de comprar momentos de prazer com elas. Este raciocínio é retratado em “Verdades Secretas”. Em uma das cenas, Angel se choca ao ouvir de Alex que ele a compra. Apesar de ter consciência que se prostitui, a personagem se sente ofendida com a afirmação do milionário. O fato de ele ser um homem atraente romantiza a relação, o que provavelmente não aconteceria na vida real nem com os demais clientes da adolescente.

O incômodo causado à personagem tem relação direta com o estigma que a prostituição carrega, uma vez que as prostitutas são alvo de muitos estereótipos negativos e, ainda hoje, são vistas como mulheres corrompidas, que praticam uma profissão indigna. O signo “puta”, por exemplo, é um termo utilizado para se referir à estas mulheres de forma pejorativa e se estende às demais mulheres quando desejam ofendê-las.

Estigmatizam-se as prostitutas como a vilãs que atentam contra a família estruturada; são acusadas de colocar em risco a honra e os “valores” da sociedade. Há ocasiões em que aparecem como um “mal necessário”, que protege e ao mesmo tempo ameaça o casamento, contudo devem ser marginalizadas em um espaço construído por certos limites, que elas não podem extrapolar sem risco de serem perseguidas, punidas, ou encarceradas. (ALVAREZ & RODRIGUES, 2001, p. 188)

A novela traz ainda a história de Giovanna, interpretada pela atriz Agatha Moreira, uma moça que se encaixa perfeitamente no clássico estereótipo da menina rica, de boa família e que faz de tudo para chamar a atenção dos pais. Por suas atitudes rebeldes, eles confiscam o cartão de crédito e suspendem a mesada da adolescente.

É quando a novela aborda uma outra realidade por trás da decisão de uma jovem de se prostituir. Giovanna deseja mostrar para seus pais que pode ter independência financeira e, por isso, segue em busca de seu desejo de ser modelo. Ela procura a mesma agência da colega, Angel. Logo

em seu primeiro trabalho, descobre da prática do “book rosa” e, imediatamente, concorda em integrar o portfólio.

Angel se choca ao descobrir que, apesar de ser de família rica, Giovanna concorda em fazer programas de luxo apenas para ganhar independência financeira, isto é, uma quantia que satisfaça suas necessidades supérfluas. Um fator importante para esta decisão é o fato de Giovanna enxergar o sexo de forma naturalizada, como prática carnal e não sentimental, em que o amor não é fundamental para se ter relações sexuais com alguém. Em uma das cenas, ela diz: “Para mim, sexo é separado de sentimento. Eu gosto de fazer “book rosa”” (VERDADES SECRETAS, 2015, cap. 38)³¹.

“– Eu já topei fazer o Book Rosa’
 – Você? Você não precisa’
 – Estou sem um centavo. Meu pai cortou meu cartão, minha mãe a mesada, tô na pior. Eu preciso. Fora que gostei da ideia de ter alguém pagando por mim” (VERDADES SECRETAS, 2015, cap. 12).³²

Apesar de Alex consumir os serviços de garotas de programa de luxo, inclusive meninas menores de idade, ele se revolta ao descobrir que sua filha Giovanna está se prostituindo.

“Minha filha... é garota de programa. [...] Você sempre teve tudo do bom e do melhor. Você foi criada no luxo. Teve as melhores roupas, as melhores viagens, os melhores amigos, as melhores famílias de São Paulo. Para virar garota de programa? Por que? Para que? [...] Book rosa não é para modelo. É para puta” (VERDADES SECRETAS, 2015, cap. 17)³³.

A jovem responde ao discurso do pai, se justificando por sua falta de dinheiro após as restrições:

“Tô sem dinheiro. Tô sem cartão, tô sem mesada, lembra? Vocês me tomaram tudo, eu fiquei dura. [...] Você pensa o que? Sempre tive dinheiro e não tenho nem pra táxi. [...] Eu falei que eu ia me virar, você duvidou. Agora você viu: eu não preciso mais de você, eu não preciso mais da sua grana. Eu me viro sozinha” (VERDADES SECRETAS, 2015, cap. 17).

Como já apontado, evidentemente não se pode apontar apenas um fator responsável por levar as mulheres a prostituição. São múltiplas as razões que levam as mulheres a entrarem e permanecerem neste universo. Não é apenas a miséria ou a necessidade financeira extrema, mas

³¹ GLOBOPLAY. Verdades Secretas. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4386524/programa/>>. Acesso em: 18 maio 2018.

³² GLOBOPLAY. Verdades Secretas. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4282244/programa/>>. Acesso em: 18 maio 2018.

³³ GLOBOPLAY. Verdades Secretas. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4303342/programa/>>. Acesso em: 18 maio 2018.

muitos outros motivos. “Se não existe um motivo único do por que os homens procuram prostitutas, são insatisfatórias as tentativas de explicar a razão que leva as mulheres a optar pela prostituição” (CECCARELLI, 2008, p. 9).

A série sutilmente retrata isso. Apesar de *glamourizar* a prostituição, fazendo parecer ser uma vida fácil e de luxo, a produção traz ao menos estes dois opostos na decisão de uma jovem de se prostituir. Angel faz programas para ajudar a avó com uma enorme dívida do apartamento onde mora. O valor integral que recebe é destinado à sua família. Enquanto isso, Giovanna se prostitui apenas para ganhar um dinheiro que resolva suas futilidades. Tanto é que logo que sua “mesada” volta, ela deixa de fazer programas.

Em cenas pontuais, a série exhibe cenas em que as garotas atendem homens por quem não sentem nenhuma atração física e mostra o semblante de repulsa das mulheres pelos clientes e por precisarem ter relações sexuais com eles. No caso do atendimento de Alex por Angel a abordagem é romantizada, já que se trata de um homem bonito e sedutor, por quem a garota se sente atraída.

Um outro personagem de “Verdades Secretas” que vale ser citado é Anthony (Reynaldo Gianecchini). O modelo em decadência é como o braço direito de Fanny na agência e sempre acompanha a empresária. Mas a relação dos dois vai além. Anthony recebe de Fanny retribuição em dinheiro em troca de relações sexuais. Apesar disto, ele se sente ofendido ao ser chamado de “michê”.

A telenovela traz diversos momentos em que a visão das personagens sobre a prostituição é colocada. Entre si, eles tecem opiniões sobre a prática. E apesar de muitos estarem envolvidos com a prostituição, falam de forma pejorativa ou preconceituosa, reforçando o estigma que a profissão carrega.

“– Você não se sente mal em comprar um homem?
– Tanto quanto você por se vender”
(VERDADES SECRETAS, 2015, episódio 13).³⁴

A fixação de Alex pela adolescente de 16 anos chega ao ponto extremo do protagonista se casar com a mãe para se aproximar da garota. O plano dá certo e a trama mostra muitos episódios problemáticos e desconfortáveis, em que Alex interfere no jeito de se vestir de Angel; dá palpites sobre o retorno da menina às passarelas, por ciúme; a presenteia com jóias e olha para ela de forma diferente. Alex e Angel então passam a se encontrar e ter relações em segredo até o fim da trama.

³⁴ GLOBOPLAY. Verdades Secretas. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4287131/programa/>>. Acesso em: 18 maio 2018.

Algumas telenovelas reforçam os estigmas que as prostitutas carregam. Outras romantizam a profissão ou ainda fazem uma abordagem pautada no humor e deixam de cumprir seu papel social de fomentar o debate sobre a realidade por trás do universo da prostituição. Há ainda aquelas que trazem a figura de prostitutas que conquistam o público, como é o caso de Bebel, cuja história seja abordada a seguir.

4.4 – Paraíso Tropical: Bebel

Bebel, a prostituta interpretada por Camila Pitanga em “Paraíso Tropical” (Rede Globo, 2007), tinha um perfil bem diferente da jovem Angel. Bebel começa trabalhando em um bordel, sob a administração da cafetina Amália (Susana Vieira), em Marapuã, na Bahia. Direta e sem papas na língua, Bebel é a típica mulher sensual. Está sempre se vestindo de forma sexy e com roupas justas e, por isso, desperta olhares por onde passa, além de esbanjar bom-humor e repetir gírias de seu vocabulário popularesco.

Logo de início, atrai os olhos de Jäder (Chico Diaz), cliente misterioso que aparece repentinamente no bordel. Ambiciosa, Bebel não via a hora de deixar o local em que trabalhava. “Minha vida vai mudar, Pri. Tô com os dias contados aqui nessa espelunca” (PARAÍSO TROPICAL, 2007, cap. 4)³⁵, ela diz para uma das meninas. Bebel sonha em sair do bordel e seguir uma vida melhor em outro lugar e vê em Jader uma oportunidade para alcançar seu desejo.

Já Paula (Alessandra Negrini) é uma jovem “pura” que foi criada por Amélia e entre as meninas do bordel corre o boato de que Paula sente vergonha de ser filha de uma cafetina. Em um diálogo com Bebel, porém, ela nega:

– Por você isso aqui [o bordel] fecha e a gente que se dane.
 – Não é verdade não. Eu não quero que ninguém se dane. [...] Eu não tenho o direito de julgar nenhuma de vocês. Cada uma faz da vida o que quiser. Mas se amanhã fecharem a casa e alguma de vocês quiser a minha ajuda para encontrar um outro caminho na vida, eu estou aqui para ajudar” (PARAÍSO TROPICAL, 2007, cap. 4).

O movimento no bordel começa a cair e a situação piora quando uma grande empresa compra o espaço e dá ordem de fechamento. Bebel, porém, não perde tempo e procura outra solução para continuar trabalhando antes mesmo da desapropriação. Ela fica radiante com a confirmação de que Jäder a levará para o Rio e, assim, planeja deixar de ser *stripper*.

³⁵ PARAÍSO TROPICAL. Capítulo 4. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9pxV2t0a0_g&t=2767s>. Acesso em: 22 maio 2018.

É a frequente história da prostituta que sonha em encontrar uma vida melhor em outro lugar – nesse caso, na cidade grande. Bebel diz: “Já imaginou daqui a 10 anos onde a gente vai estar? Porque eu... vou estar em capa de revista. Capa de jornal” (PARAÍSO TROPICAL, 2007, p. 12)³⁶.

Ela chega ao Rio de Janeiro deslumbrada com a cidade, as praias e os pontos turísticos. Mas a decepção começa quando é alocada no apartamento onde vai morar: nada de luxo e *glamour*. Para completar, Jader abre o jogo e confessa que trouxe a garota ao Rio para se prostituir nas ruas de Copacabana.

“– Programa de 1 hora. Naquele apê é 100, onde o mané otário quiser é 80, tu tira 40 pra você, sacou? Ainda tá meio caído, mas vai bombar.
– Você me trouxe aqui pra fazer a vida... na calçada? [...] Você prometeu me arrumar um trabalho legal. [...] Eu não quero mais ficar na vida, Jader. Eu falei isso pra você. Você me enganou só pra eu vir pra cá.
– Eu te enganei? Me fala aí, você é médica? advogada?” (PARAÍSO TROPICAL, 2007, capítulo 14)³⁷.

Jáder se posiciona como alguém muito bondoso, já que trouxe Bebel da Bahia ao Rio de Janeiro, ofereceu a ela um apartamento em Copacabana, Zona Sul da cidade, para que tivesse onde morar e trabalhar. A verdade é que Bebel tenta outras oportunidades de emprego mas, sem sucesso, se rende à prostituição no calçadão. No início, não só sofre com as provocações das prostitutas do ponto, como também precisa fazer sexo com Jáder, seu cafetão.

“Agora tu trabalha pra mim, Bebel, e tu sabe que eu tenho que ter um certo controle sobre a qualidade da mercadoria. Eu provo na hora que me der vontade. Com as outras é assim, por que contigo vai ser diferente? Ou é isso ou tu vai dormir na areia. O que tu quer?” (PARAÍSO TROPICAL, 2007, p. 18).³⁸

O cafetão cobra por todos os favores que fez a Bebel quando a moça chegou ao Rio, como prover alimentação, roupas e utensílios domésticos, além de, o tempo todo, ameaçar deixá-la na rua caso saia dos eixos ou discorde de suas regras. Aqui vale destacar uma leitura trazida por Piscitelli em seu artigo observando a prostituição como forma de exploração sexual.

Nessa linha de pensamento, a prostituição é exploração sexual porque nela se obtém prazer sexual mediante a utilização abusiva da sexualidade de uma pessoa, anulando os seus direitos à dignidade, igualdade, autonomia e bem estar. Por esse motivo, o abolicionismo radical pretende penalizar ao cliente,

³⁶ PARAÍSO TROPICAL. Capítulo 12. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0bEDIApUZv0>>. Acesso em: 22 maio 2018.

³⁷ PARAÍSO TROPICAL. Capítulo 14. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mOahZh_deSE>. Acesso em: 24 maio 2018.

³⁸ PARAÍSO TROPICAL. Capítulo 18. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=n4tDJ11mWjo>>. Acesso em: 22 maio 2018.

culpável de violar os direitos humanos das mulheres na prostituição. (PISCITELLI, 2012, p. 21-22)

Em um dos diálogos, Bebel questiona Jader sobre o porquê de não fazer programas de luxo, já que era a migração que ela tanto queria. A resposta do cafetão é direta: falta classe.

“– Vem cá, porque eu tenho que fazer calçada, hein, Jader? Po, me põe na fita dos executivos.

– [...] Ô piranha, top de linha é gente fina, família, universitária, sacou? Tu é quenga do interior, saca bem? Quenga do interior. Tu vai pra um restaurante rico com executivo, vai? Tu sabe pegar num talher, sabe? [...] Trabalho com top de linha até as bagaceiras, tem mercado pra tudo. [...] Agora olha pra tu, olha pra tua beca, olha essa roupa. O jeito como tu fala, taquara velha, taquara rachada, toda largada. Olha o jeito que tu anda, toda espalhafatosa. E esse cabelo?” (PARAÍSO TROPICAL, 2007, capítulo 27)³⁹.

Tudo muda quando Olavo (Wagner Moura), um rico empresário, pede ao cafetão uma garota “top de linha” para passar uma noite. Bebel ouve a conversa dos dois ao telefone, guarda o endereço do executivo, engana Jáder e vai ao encontro de Olavo no lugar da garota que ele indicaria. Quando volta do programa, Jáder agride Bebel ao descobrir que foi enganado. Não é raro que cafetões exerçam esse tipo de poder sobre as garotas de programa.

[...] Simone de Beauvoir considera que é na prostituição, que: “[...] a mulher oprimida sexualmente e economicamente, submetida ao arbítrio da polícia, a uma humilhante vigilância médica, aos caprichos dos clientes, destinada aos micróbios e à doença, é realmente submetida ao nível de uma coisa”. Estas frases contêm um sem-número de questões: a prostituição como o resultado de relações sociais hierárquicas de poder; como resultado igualmente de uma situação moral; como objetificação total do feminino nas instâncias sexual e econômica, submetido à ordem masculina; como instituição partícipe do funcionamento do sistema patriarcal; como uma forma de violência e apropriação social das mulheres/meninas/ crianças pela classe dos homens. (BEAUVOIR *apud* SWAIN, 2004, p. 25)

A novela expõe um lado degradante da prostituição. Na trama, Bebel vive sob a dominação de Jáder, que tem o controle total da vida da prostituta nas suas mãos. A chave do apartamento onde ela mora, por exemplo, fica sob a posse do cafetão, que decide quando entregar ou não à Bebel. Ela fica vulnerável e entregue aos domínios de Jáder. Essa é a realidade de muitas mulheres que se prostituem. As agressões – verbais ou físicas – e o preconceito também são retratados na novela. Vendedoras em lojas de luxo recusam atender Bebel a partir de sua aparência.

³⁹ PARAÍSO TROPICAL. Capítulo 27. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SZmOJrFMj38>>. Acesso em: 24 maio 2018.

Há quem imagine que a vida dessas mulheres é recheada de liberdade. Ao contrário disso, muitas delas vivem sob a dominação de homens que controlam até mesmo seus lucros e moradias, além de se sentirem no direito de violentá-las, já que sabem que, em alguns casos, elas não têm outra opção a não ser aceitar a opressão à qual são submetidas.

“Vagabunda de calçada. Gostosa pra caramba mas não tem *catiguria*, entendeu? Desbocada, não sabe se comportar. É louca pra ter vidão, atender cliente VIP, essas paradas, mas não tem nível [...] Não serve pra fazer companhia numa saída, *scort* de gente bacana, saca?” (PARAÍSO TROPICAL, 2007, capítulo 37)⁴⁰.

“Mulher de *catiguria*” virou bordão e Bebel conquistou o coração dos brasileiros. A personagem foi aclamada pelo público e se tornou uma das mais queridinhas da novela. Segundo pesquisa realizada pela Revista da TV no Globo Online, 66% dos leitores votantes consideram a aliança entre Bebel e Olavo a melhor parte da trama de Gilberto Braga⁴¹.

Bebel apresenta todos os requisitos para suscitar a indiferença do público receptor ante seu personagem. No entanto o que se percebe é uma imediata simpatia com a prostituta, de forma que, nas ruas, por exemplo, é fácil verificar mulheres que se deixam influenciar pela figura dramática de Paraíso: seja nas bolsas grandes utilizadas pela personagem na trama, ou no corte de cabelo, ou nas mini-saias que deixam as pernas à mostra. Pela interpretação da atriz somos conduzidos a empatia que substancia uma falsa aparência do personagem. De acordo com matéria publicada na coluna Gente e TV, do portal Terra, a própria Camila se diz surpresa com o sucesso da personagem. “Não achava que Bebel seria adorada pelo público”, declara. Fato é que a prostituta conquistou admiradores. (MAIA *apud* DUARTE, 2008, p. 46)

Mas não foi só o público que curtiu Bebel. Depois da primeira noite com a garota, Olavo pede para vê-la de novo e não para mais. Após alguns altos e baixos e apesar de ser desmotivada por Jáder, que morre de ciúmes da prostituta, Bebel consegue ter o que tanto queria. O cafetão insiste em convencê-la de que ela não conseguiria nada além das ruas de Copacabana: “Deixa de sonhar grande, valoriza o que tu tem” (PARAÍSO TROPICAL, 2007, capítulo 56)⁴². Mas Olavo se apaixona por Bebel, que sugere que o empresário assuma seus custos e ela abandone o calçada.

“Mesmo que eu aceite a proposta da Bebel, eu não vou terminar com a Viviane [namorada de Olavo]. A Viviane é quem eu vou levar pras festas da empresa, a Viviane que eu vou apresentar pros velhos do conselho, entendeu? [...] E a Bebel,

⁴⁰ PARAÍSO TROPICAL. Capítulo 37. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mG_A0XgULCY>. Acesso em: 24 maio 2018.

⁴¹ O GLOBO. ‘Paraíso tropical’: Globo acrescentou três cenas para explicar melhor o final. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/paraiso-tropical-globo-acrescentou-tres-cenas-para-explicar-melhor-final-bebel-olavo-4151323>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

⁴² PARAÍSO TROPICAL. Capítulo 56. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Gc60n7IFbw0>>. Acesso em: 24 maio 2018.

coitada, ela quer sair dali. [...] Ela quer parar de sair com aqueles homens. Já imaginou homem que fica pegando mulher no calçadão à noite? [...] Agora, eu não posso negar que a Bebel é diferente. [...] Eu me sinto de verdade, me sinto leve” (PARAÍSO TROPICAL, 2007, capítulo 76)⁴³.

Bebel não desiste fácil e arma um plano para pressionar Olavo. Ela diz que um de seus clientes gringos, um alemão, a convida para ir à Europa com ele e tê-lo como cliente fixo. Oferece um lugar para morar e mordomia em troca de seus serviços sexuais. Com isso, a novela também levanta o tema do turismo sexual, que atrai muitos estrangeiros para as ruas de Copacabana a procura de sexo.

Em seu artigo ““A Mistura Clássica”: miscigenação e o apelo do Rio de Janeiro como destino para o turismo sexual”, os autores Thaddeus Blanchette e Ana Paula da Silva procuram as razões de o Rio de Janeiro atrair tantos turistas sexuais.

A explicação mais comumente ouvida – e que parece ter conquistado espaço nas políticas públicas da cidade – é que a pobreza relativa de boa parte da população feminina do Rio e sua alteridade biofísica frente às normas europeias combinam para criar uma situação de hiperexploração sexual, em que jovens de cor e pobres são “consumidas”, em troca de dinheiro, por estrangeiros brancos que buscam o “exótico”. Nessa acepção do fenômeno, tal turismo sexual é potencializado por uma mídia em massa que “viola a dignidade humana e expõe o povo brasileiro à situação vexatória”, representando a mulher brasileira como excepcionalmente aberta às relações sexuais alheias. (BLANCHETTE & DA SILVA, 2010, p. 225)

O estudo, porém, indica que fatores estruturais e ideológicos são os responsáveis por configurar a cidade como “um campo de diversões sexuais” aos gringos (BLANCHETTE & DA SILVA, 2010, p. 226). Os autores trazem os três principais: o preço baixo do serviço, a percepção da cidade como razoavelmente segura para a prática e a estabilidade do mercado do sexo no Rio. “Para esses homens, a distância do Rio dos campos de batalha do Oriente Médio e a aparente segurança da cidade frente aos ataques terroristas são particularmente atraentes” (BLANCHETTE & DA SILVA, 2010, p. 227).

Além disso, vários homens reportam sentir um alívio em suas relações com as prostitutas cariocas, pois acreditam que elas não são escravizadas ou abusadas. [...] A liberdade relativa das prostitutas cariocas como trabalhadoras e seres humanos independentes, então, é valorizada entre os turistas sexuais e serve como mais um atrativo da cidade. (BLANCHETTE & DA SILVA, 2010, p. 228)

⁴³ PARAÍSO TROPICAL. Capítulo 76. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3W2q99xmvm4>>. Acesso em: 24 maio 2018.

Em “Paraíso Tropical”, Olavo não suporta a ideia de Bebel sair do país. Ela continua as provocações até que Olavo se rende e aceita a proposta de bancar a prostituta.

“Eu não quero perder você pra esse gringo. [...] Eu vou te dar essa situação que você quer, sua bandida. Agora olha só, presta a atenção, se esse alemão ou qualquer outro cara quiser cantar de galo aqui na sua área, você vai dizer pra eles que você agora é minha. Você agora é só minha, você é fixa. É profissional, mas é fixa” (PARAÍSO TROPICAL, 2007, capítulo 79)⁴⁴.

O sentimento de posse muitas vezes dá o tom da relação cliente-prostituta. Muitos homens sentem prazer no sexo fruto de prostituição justamente porque, neste tipo de acordo, eles são os detentores do poder de compra. A grande questão é que o que eles pagam não é o objeto-mulher, mas o serviço sexual.

Olavo vai até Jader contar que agora Bebel é de exclusividade sua: “A Bebel não te deve obediência”, ele diz. Por outro lado, Bebel precisava aceitar que Olavo teria um relacionamento com uma mulher da alta sociedade e seria esta a mulher que o acompanharia e seria apresentada ao seu círculo social. Bebel continua sendo uma profissional que se relaciona exclusivamente com Olavo e, por isso, recebe tudo o que precisa para se sustentar. A relação deve ser mantida em segredo.

Mas se a atração entre os dois começou sendo puramente física, logo ela passa para um outro estágio. A relação entre Bebel e Olavo vai muito além do profissionalismo e do sexo. Eles se apaixonam um pelo outro e o divertido e intenso casal formado pela prostituta com o empresário rico continuou por toda a trama e cativou o público.

⁴⁴ PARAÍSO TROPICAL. Capítulo 79. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7W6dL_Ps6U>. Acesso em: 25 maio 2018.

5 – Considerações finais

Chegar ao final deste estudo não significa, enfim, poder afirmar se a prostituição é então uma forma da liberdade da mulher com seu próprio corpo ou se é sinônimo de violência sexual e opressão feminina. Chegar a uma resposta com base em um destes lados não era o objetivo. Aqui, o trabalho mostrou que o debate sobre a prostituição é longo, amplo e que não é simples chegar a uma conclusão unicamente positiva ou negativa sobre a profissão. Ao contrário, expôs toda a complexidade por trás da profissão mais antiga do mundo, que nada tem de natural.

A prostituição, porém, é um tema que deve ser abordado pelos pesquisadores de questões de gênero. As mulheres, desde sempre, tiveram seus corpos sexualizados e há uma distinção entre as mulheres “puras” e as “impuras”. Em meio a esta segregação e como forma de manutenção da pureza destas primeiras, as prostitutas passam a ser as responsáveis pela satisfação dos homens e ainda iniciação sexual de jovens.

A prostituição é uma profissão que exige coragem. Numa realidade de tantos tabus sobre os corpos femininos e de tanta opressão, transgredir valores atribuídos às mulheres na época colonial é, no mínimo, um ato de bravura. Ignorar os tantos discursos e ideias que relacionam sexo a sentimento e mergulhar na prostituição é uma atitude difícil.

Ao chegarem lá, muitas mulheres sofrem pelo abuso de cafetões, pela violência por parte de clientes mais agressivos, precisam estar sempre dispostas a atender até mesmo as fantasias sexuais mais incomuns, muitas são mal remuneradas, não trabalham em condições dignas, estão vulneráveis a contrair doenças sexualmente transmissíveis. Há mulheres que já tentaram, mas é difícil abandonar a prostituição. Algumas não têm outra opção.

Da mesma forma, é fundamental ter um olhar crítico sobre o retrato da prostituição na ficção. Filmes, romances literários, novelas e séries há décadas trazem a figura da prostituta em seus enredos. Algumas são de luxo, outras estão nas ruas. Há personagens que são muito queridas pelo público, outras que reforçam estigmas que já não deveriam ter mais espaço numa sociedade que vem evoluindo ao longo dos anos.

Em alguns retratos, como foi apresentado o de Angel, a prostituição é *glamourizada*. A adolescente levava uma vida humilde, sem muitos recursos. Era linda. Foi modelo e garota de programa, encantou e foi encantada por um cliente - bonito e milionário. A história de romance entre os dois é exposta na série como uma história de amor. A pedofilia não é colocada em pauta, apesar de a jovem ter 16 anos, a idade da filha do amante. A prostituição, nesse retrato, não parece

tão ruim: Angel fez programa com um homem lindo, riquíssimo, se apaixonou. Pode-se afirmar que a trajetória da adolescente não é nada comum de se repetir com outras prostitutas da vida real.

A personagem era sexualizada o tempo inteiro e a série estava perto de despertar em outros homens, telespectadores, de meia idade, como o protagonista, o desejo por uma adolescente. Angel era a Cinderela do sexo. De gata borralheira, se tornou uma menina rica e cheia de privilégios - tudo porque Alex se casou com sua mãe para ficar próximo da prostituta que o deixou apaixonado.

Outra Cinderela foi Bebel. A novela Paraíso Tropical trouxe uma personagem divertida, sem papas na língua, engraçada e autêntica por trás da prostituta Bebel. A fórmula levou o público a vibrar pela personagem, que se tornou um dos grandes destaques da trama. Como Angel, Bebel era uma sonhadora prostituta de bordel que foi trazida ao Rio de Janeiro com a promessa de ter um trabalho melhor. Quando chega aqui, percebe que seu destino era o ponto de prostituição do calçadão de Copacabana.

Insatisfeita, faz de tudo para se tornar garota de programa de luxo, até que consegue. Assim como Angel, Bebel desperta o sentimento de Olavo, um homem rico, empresário e bonito que atendeu. A história de Angel e Alex se repete: o casal prostituta-cliente se apaixonou, a garota passa a ser sua cliente fixa e leva uma vida de conforto e luxo. Bebel se torna mais uma Cinderela do sexo.

Há ainda outro fator em comum entre as duas abordagens. Em ambos os casos, as produções são bem sutis ao abordarem o lado negativo e obscuro da prostituição e esta exposição ganha um espaço mínimo nas tramas. As histórias de Angel e Bebel, duas das prostitutas mais significativas da televisão, não deram conta de mostrar a realidade da prostituição no Brasil.

O verdadeiro baixo meretrício, o estado decadente de zonas de prostituição, a miséria, a violência sexual e outros fatores facilmente detectados em uma breve visita à Vila Mimosa não ganharam espaço nas telenovelas e séries. Se estes produtos buscam trazer um retrato da prostituição no Brasil, ainda há um grande caminho a ser seguido. Afinal, é esperado que as novelas e séries brasileiras exponham - e fomentem debates - sobre questões da vida em sociedade.

6 – Referências bibliográficas

ALVAREZ, Gabriel Omar; RODRIGUES, Marlene Teixeira. **Prostitutas cidadãs: movimentos sociais e políticas de saúde na área de HIV/Aids**. Revista Ser Social, Brasília, v. 1, n. 8, p. 97-127. 2001. Disponível em: <http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/6281/1/ARTIGO_Prostitutas%20CidadasMovimentos.pdf>. Acesso em: 16 maio 2018.

BEAUVOIR, Simone de. **Fatos e Mitos**. In: BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: Fatos e mitos. 4ª. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. p. 7-23.

BELELI, Iara; OLIVAR, José Miguel Nieto. **Mobilidade e prostituição em produtos da mídia brasileira**. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Glaucia de Oliveira; OLIVAR, José Miguel Nieto (Org.). Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas, SP: UNICAMP/PAGU, 2011. p. 491-535. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=50806>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BLANCHETTE, Thaddeus Gregory; MURRAY, Laura; RUVOLO, Julie. **Sobre Futebol e Pânicos Morais: Prostituição no Rio de Janeiro durante a Copa do Mundo 2014**. Percurso Acadêmico. Belo Horizonte, v.4, n.8, p. 188-209, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/percursoacademico/article/download/9388/8678>>. Acesso em: 22 abr. 2018

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESÍDIO, Mirella de Holanda. **Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade**. Revista Mal-estar e Subjetividade, Fortaleza, v. II, n. 2, p. 451-478, set. 2007. Disponível em: <<http://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1594/3576>>. Acesso em: 15 maio 2018.

BUTLER, Judith. **Da paródia à política**. In: BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 205-214

BUTLER, Judith. **Sujeitos do sexo/gênero/desejo**. In: _____. _____. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 17-33

CECARELLI, Paulo Roberto. **Prostituição – corpo como mercadoria**. In: *Mente & Cérebro – Sexo*, v. 4, dez. 2008. Disponível em: <http://www.cpaqv.org/socioantrop/corpo_prostituicao.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2018.

COSTA, Cristiane. Lições de Amor. In: COSTA, Cristiane. **Eu compro essa mulher: romance e consumo nas telenovelas brasileiras e mexicanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. p. 9-46.

DUARTE, Letícia Henrique. **Prostituição: A Representação na Telenovela. Um Olhar Sobre Capitu em Laços de Família**. 72 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

FELIPE, Jane. **Afinal, quem é mesmo pedófilo?** *Cadernos Pagu*, n. 26, p. 201-223, jan/jun. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30391.pdf>>. Acesso em: 4 jun. 2018.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. **A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental**. *Revista fato&versões*, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 3-16, jan. 2009. Disponível em: <http://www.academia.edu/download/31446858/REVISTA_FATOS_E_VERSOES_-_MULHER_NO_PATRIARCADO_BRASILEIRO.pdf>. Acesso em: 15 maio 2018.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. *Educação & Realidade*, v. 22, n. 2, p.15-46, jul./dez. 1997. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

HALL, Stuart. **Codificação/Decodificação**. In: _____. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 387-404.

HAMBURGER, Esther. **Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano**. In: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 439-487.

KLANOVICZ, Luciana Rosar Fornazari. **De Gabriela a Juma – imagens eróticas femininas nas telenovelas brasileiras**. Estudos Feministas, Florianópolis, p. 141-159, jan. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v18n1/v18n1a08>>. Acesso em: 5 jun. 2018.

KUSHNIR, Beatriz. **As polacas cariocas: mulheres judias prostitutas e suas associações de ajuda mútua**. Estudos de gênero, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1-2, p. 137-164, jan. 1996a. Disponível em: <<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/403>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

KUSHNIR, Beatriz. **Baile de Máscaras: Mulheres Judias e Prostituição: as Polacas e suas Associações de Ajuda Mútua**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 1-94.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Narrativas Televisivas e Identidade Nacional: O Caso da Telenovela Brasileira**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Salvador, set. 2002, p. 1-22. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/5304846524659791145129504306359682194.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2018.

MERCHÁN-HAMANN, Edgar; GUIMARÃES, Katia. **Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania**. Estudos Feministas, Florianópolis, vol. 13, set/dez. 2005, p. 525-544. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43596177?newaccount=true&read-now=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 16 abr. 2018.

MUNHOZ, Cláudia Jaqueline Martinez; CANO, Maria Aparecida Tedeschi; SOLER, Zaida Aurora Sperli Geraldês; MOSCARDINI, Airton Camacho. **Opinião de mulheres sobre sua vida relacionada com a prostituição.** Revista de Enfermagem UFPE On Line. Jul/Set 2009. p. 556-566. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/5636/4856>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

PASINI, Elisiane. **Os Homens da Vila: um estudo sobre relações de gênero num universo de prostituição feminina.** 2005a. Tese (Doutorado em Ciências Sociais, Departamento de Antropologia Social) - Universidade de Estadual de Campinas, Campinas.

PASINI, Elisiane. **Sexo para quase todos: a prostituição feminina na Vila Mimosa.** Cadernos Pagu, Campinas, n.25, p. 185-216, jul./dez. 2005b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cpa/n25/26527.pdf>> . Acesso em: 21 abr. 2018.

PISCITELLI, Adriana. **Feminismos e Prostituição no Brasil: Uma Leitura a Partir da Antropologia Feminista.** Cuadernos de Antropología Social, Buenos Aires, n. 36, p. 11-31, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180926074002>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero no mercado do sexo.** Cadernos Pagu, Campinas, n. 25, p. 7-23, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n25/26520.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

RUSSO, Gláucia. **No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos.** CADERNO CRH, Salvador, v. 20, n. 51, p. 497-514, set. 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3476/347632173009/>>. Acesso em: 15 maio 2018.

SAHLINS, Marshall. **O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte II).** Mana, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 103-150, out. 1997. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n2/2442.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

SIMÕES, Soraya Silveira. **Identidade e política: a prostituição e o reconhecimento de um métier no Brasil.** Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS - UFSCar, São Carlos, v. 2, n. 1, p. 24-46, jan. 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/2LPlyfb>>. Acesso em: 10 maio 2018.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **Um olhar na história: a mulher na escola (Brasil: 1549 - 1910).** *II Congresso Brasileiro de História da Educação.* Natal, 2002. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0539.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

SWAIN, Tânia Navarro. **Banalizar e naturalizar a prostituição: violência social e histórica.** Revista Unimontes Científica, Montes Claros, v. 6, n. 2, p. 23-28, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.ruc.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/view/172/164>>. Acesso em: 8 jun. 2018.

TEIXEIRA RODRIGUES, Marlene. **A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer?** Rev. Katál. Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 68-76, jan/jun. 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/1796/179613969009/>>. Acesso em: 16 abr. 2018.